



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ**  
**UNIVERSIDADE DE FORTALEZA - UNIFOR**  
**Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - VRPPG**  
**Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPG-PSI**  
**Mestrado em Psicologia**

**FERNANDA XAVIER SANTIAGO MARINHO**

**RECONFIGURAÇÕES NO TEMPO SOCIAL DO IDOSO ENLUTADO:  
UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE LUTO E ENVELHECIMENTO  
NA CIDADE DE FORTALEZA – CE.**

**RECONFIGURATIONS IN BEREAVED ELDERLIES'S SOCIAL TIME:  
A QUALITATIVE STUDY OF GRIEVING AND AGING IN  
FORTALEZA-CE**

**FORTALEZA**

**2015**

**FERNANDA XAVIER SANTIAGO MARINHO**

**RECONFIGURAÇÕES NO TEMPO SOCIAL DO IDOSO ENLUTADO:  
UM ESTUDO QUALITATIVO SOBRE LUTO E ENVELHECIMENTO  
NA CIDADE DE FORTALEZA – CE.**

**RECONFIGURATIONS IN BEREAVED ELDERLIES'S SOCIAL TIME:  
A QUALITATIVE STUDY OF GRIEVING AND AGING IN  
FORTALEZA-CE**

Dissertação submetida à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Ciências Humanas da Universidade de Fortaleza – UNIFOR, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre.

Área de Concentração: Psicologia, Sociedade e Cultura.

Linha de Pesquisa: Ambiente, Trabalho e Cultura nas Organizações Sociais.

Orientador: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins

**FORTALEZA**

**2015**

---

M338r Marinho, Fernanda Xavier Santiago.  
Reconfigurações no tempo social do idoso enlutado: um estudo qualitativo sobre o luto e envelhecimento na cidade de Fortaleza-CE = Reconfigurations in social elderly bereaved: a qualitative study of grief and senescence in Fortaleza-CE / Fernanda Xavier Santiago Marinho. - 2015.  
125 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade de Fortaleza, 2015.  
“Orientação: Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins.”

1. Luto – Aspectos psicológicos. 2. Envelhecimento – Aspectos psicológicos.  
I. Martins, José Clerton de Oliveira. II. Título.

CDU 159.9:393.7

---



Universidade de Fortaleza – UNIFOR  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Ambiente Trabalho e Cultura nas Organizações

Dissertação intitulada **“Reconfigurações no tempo social do idoso enlutado: um estudo qualitativo sobre luto e envelhecimento na cidade de Fortaleza-CE”**, de autoria da mestranda **Fernanda Xavier Santiago Marinho**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins - (UNIFOR) – Orientador

Profa. Dra. Karla Patricia Martins Ferreira - (UNIFOR)

Profa. Dra. Maria Lúcia Duarte Pereira – (UECE)

Prof. Dr. Francisco Antonio Francileudo – (FCF)

Fortaleza, 27 de agosto de 2015.

Visto:

Profa. Dra. Tereza Glaucia Rocha Matos  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
UNIFOR

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que me inspira.

À minha família, pelo apoio e paciência.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins, pelo acompanhamento cuidadoso e pelos valiosos ensinamentos.

Aos membros do Laboratório OTIUM, pelas contribuições e parcerias estabelecidas ao longo do desenvolvimento deste processo.

Àqueles que compartilharam comigo suas experiências e sentimentos, que me emocionaram, surpreenderam e ensinaram: aos idosos que colaboraram com a pesquisa, pois sem eles esta pesquisa não teria sido possível.

Fernanda Xavier Santiago Marinho

“Agora são dez horas e você pode ver como o mundo oscila;  
há uma hora eram nove, dentro de uma hora serão onze;  
a cada hora que passa nós amadurecemos;  
a cada hora apodrecemos;  
nisso há toda uma história.”

**William Shakespeare; *As You Like It***

## RESUMO

Este estudo discute acerca do tempo social na fase da maturidade, período sempre marcado por perdas e ganhos que devem ser administrados. Para este estudo, observou-se como operam os ajustes do tempo social do sujeito idoso ante o contexto da perda por morte de seu cônjuge, uma vez que o uso do tempo é comumente utilizado por meio de atividades compartilhadas. Experienciar a morte do cônjuge é um dos grandes desafios a ser enfrentado pelo idoso, porquanto marco de grande repercussão na vida deste sujeito. Assim, teve como objetivo investigar as reconfigurações no tempo social do idoso enlutado. Para tal foram entrevistados seis idosos de ambos os gêneros que perderam por morte seus cônjuges. Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: (a) observação participante e (b) entrevista narrativa. No que se refere às entrevistas, foram exploradas narrativas detalhadas da história de vida do idoso, visando a compreender de que maneira o tempo social era constituído na relação conjugal, investigar a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados e identificar de que maneira o idoso faz uso de seu tempo social após a perda do cônjuge. No intuito de complementar a visão narrada pelo sujeito propiciada pela entrevista, utilizou-se a observação participante, contribuindo para uma visão do fenômeno mais voltada para a perspectiva do pesquisador. O método de exame utilizado, no que se refere à observação participante, foi a análise do relato etnográfico e, quanto às entrevistas, foram analisadas pela identificação de categorias orientadas pela técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Foi realizada uma análise processual ao longo do período de observações mediante o relato etnográfico; e, simultaneamente, as entrevistas foram realizadas e transcritas. Posteriormente, os discursos coletados foram agrupados em categorias. As situações encontradas foram relacionadas às teorias encontradas na literatura. Os resultados apontaram que os impactos da morte do cônjuge no tempo social do idoso se manifestam na esfera da família, finitude, suporte social, saúde, mudanças na rotina, espiritualidade e novos relacionamentos.

Palavras-chave: tempo social, luto, idoso, envelhecimento.

## ABSTRACT

This study was intended to discuss the social time at the stage of maturity, this phase always marked by losses. Elected to observe how the social time settings of the widowhood mourned old fellow, on the context of loss in the event of the death of your spouse, once the use of time is commonly used through shared activities with the spouse. The loss of partner enables the emergence of grief and loneliness the most intense and prolonged than those caused by other types of losses. Experience the death of a spouse is one of the major challenges to be faced by the elderly, as marks of great repercussion in the subject's life. Thus, the present study aimed to investigate elderlies' social time reconfigurations after spouse's loss by death. For this end were interviewed six senior citizens of both genders who have lost their spouses. The data collection instruments used in this research were: (a) participant observation and (b) narrative interview. During the interviews, detailed narratives were explored in the elderlies' history life, in order to understand how the social time was formed in marital relationship, investigate the experience of loss from the perspective of the elderly bereaved and identify how the elderly makes use of your social time after loss of spouse. In order to complement the vision, read by subject provided by the interview, we used participant observation, contributing to a vision of the phenomenon more focused on the perspective of the researcher. The method of analysis used, with regard to participant observation, was the analysis of ethnographic account and, for the interviews, were analyzed by the identification of targeted categories by the technique of the collective subject discourse (DSC). A procedural analysis was carried out throughout the period of observations through ethnographic account; and, simultaneously, the interviews were conducted and transcribed. Later, the speeches were grouped into categories. The situations encountered were related to the theories found in the literature. The results showed that the spouse's death impact at the elderlies' social time manifest themselves in the family sphere, finitude, social support, health, change in routine, spirituality and new relationships.

Keywords: time, mourning, elderly.

## Lista de Ilustrações

Figura 1	Foto ilustrativa do PAI.....	68
Figura 2	Registro de atividade de dança promovida pelo PAI.....	69
Quadro 1	Perfil sociodemográfico dos sujeitos participantes da pesquisa.....	57
Quadro 2	Dados pessoais – Aurora.....	69
Quadro 3	Dados pessoais – Lúcia.....	71
Quadro 4	Dados pessoais – Olívia.....	72
Quadro 5	Dados pessoais – Amélia.....	73
Quadro 6	Dados pessoais – Heitor.....	76
Quadro 7	Dados pessoais – Luís.....	77
Quadro 8	Síntese das categorias vinculadas à falas dos sujeitos.....	89

## Sumário

<b>CONTEXTOS INTRODUTÓRIOS</b>	11
<b>1 ENVELHECIMENTO: NOVOS PANORAMAS NA CONTEMPORANEIDADE</b>	21
<b>2 AS TEMPORALIDADES SOCIAIS</b>	30
<b>3 A EXPERIÊNCIA DA PERDA DO CÔNJUGE EM IDOSOS</b>	35
<b>4 CAMINHO METODOLÓGICO</b>	51
4.1 Escolhas metodológicas	51
4.2 Estratégias de investigação	53
4.3 Relato etnográfico	56
4.4 Procedimento e elaboração de categorias com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo	58
4.5 Aspectos éticos da pesquisa	62
<b>5 APRECIACÕES SOBRE O CAMPO</b>	64
5.1 Apontamentos baseados no relato etnográfico	65
5.2 Os sujeitos da pesquisa	67
5.3 Relato com base nas observações	80
5.4 Discussões a partir das categorias	88
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	100
<b>REFERÊNCIAS</b>	104
<b>APÊNDICE</b>	112
APÊNDICE A Ficha do Colaborador	112
APÊNDICE B Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	113
APÊNDICE C Questões norteadoras	116

APÊNDICE D	Carta de apresentação	117
<b>ANEXO</b>		118
ANEXO A	Carta declaratória	118
ANEXO B	Carta de anuência para autorização de pesquisa	119
ANEXO C	Parecer COÉTICA	120
ANEXO D	Declaração da Academia Cearense da Língua Portuguesa	124

## CONTEXTOS INTRODUTÓRIOS

Desde a infância, tinha pouco contato com idosos, o suficiente, porém, para que me dispusesse a observá-los em todas as oportunidades que me apresentavam, atraída que me sentia pela percepção de que eles viviam em uma dimensão temporal distinta da habitada pelos demais, mantendo uma perspectiva diferenciada sobre o mundo.

Meus avós moravam em outra cidade e só tinha contato com eles em períodos limitados do ano. Minha avó materna foi acometida por um câncer e faleceu. Este sempre ficava hospedado em minha casa, quando vinha a Fortaleza, e eu sempre gostava de observar sua rotina e a sua relação com os demais familiares.

Durante a graduação em Psicologia, realizada na Universidade de Fortaleza, fui conquistada pelo estudo das perdas por meio da Tanatologia e, concomitantemente, tive a oportunidade de atender idosos em meu estágio clínico, o que me levou, posteriormente, a buscar uma especialização em Saúde do Idoso, realizada no Centro Universitário Christus e concluída em 2013.

Movida por experiências pessoais atreladas às profissionais, pude elaborar uma visão mais aprofundada e reflexiva do fenômeno da viuvez para o idoso, que resultou na geração de questionamentos sobre essa condição específica na qual um dia pode vir a se encontrar. Essas inquietações me fizeram buscar o Laboratório de Estudos sobre Ócio, Trabalho e Tempo Livre (Otium) do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), que me deu condições para desenvolver esta pesquisa, cujo tema me escolheu muito antes do que a Psicologia.

Em minha atuação prática, evidenciei uma crescente demanda de idosos buscando o Serviço de Psicologia nos mais diversos âmbitos da área – na clínica, nos equipamentos de

assistência social (Centro de Referência de Assistência Social [Cras] e Centro de Referência Especializado de Assistência Social [Creas]), nos equipamentos de saúde mental (Centro de Atenção Psicossocial [Caps]) e em ambientes organizacionais privados.

A temática do envelhecimento atraiu a atenção de vários países e organizações nas últimas décadas com a declaração da Organização das Nações Unidas (ONU) de que o mundo está vivendo a “Era do Envelhecimento” (Herédia, Corteletti, & Casara, 2007).

Segundo projeções elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), o Brasil ocupa o sexto lugar no ranque dos países com maior número de idosos e estima-se que, em 2050, a população senil irá superar a de jovens (0 a 15 anos) no País.

Há pouco tempo, aqui, o envelhecimento era havido como questão de ordem privada, atinente à esfera familiar, para as pessoas cujos cuidados eram suportados pelos parentes, ou da caridade pública, quando se tratava de pobres e indigentes. O acelerado crescimento desse contingente populacional, contudo, passou a preocupar mais outras áreas (Minayo & Coimbra, 2002), a exemplo da Previdência Social, da Saúde Pública, da Medicina e da Psicologia.

Isso porque o crescente aumento da expectativa de vida, um dos fatores que contribui substancialmente para esse aumento do percentual de idosos no mundo, requer dessas diversas áreas do conhecimento a reflexão acerca da adaptação mundial às novas idades, visando a auxiliar o seu desenvolvimento, principalmente levando-se em conta as implicações desse novo contexto para cada uma delas.

Atreladas a essa conjuntura do aumento de idosos no mundo, e reconhecendo as características culturais como fatores que influenciam a constituição do sujeito social, é preciso, também, a dinâmica contemporânea em que esses idosos estão inseridos.

A Contemporaneidade é o período atual da história da humanidade, que se caracteriza por uma cultura consumista, na qual se privilegia o imediato e passageiro, a satisfação instantânea, os resultados visíveis em curto prazo e cujo alcance não requeira esforços prolongados (Bauman, 2004).

Esse fluxo rápido de consumo, no âmbito do qual predomina a prática do descarte fácil “do velho”, prontamente substituído por algo novo, mais moderno, atinge não somente os objetos, mas também as relações e as pessoas. A juventude é cultuada, o corpo e a autonomia são supervalorizados e se exige visão autovigilante contínuo do sujeito, demandando constantemente que se adapte às novidades (Lipovetsky, 2009).

Verifica, desse modo, um superinvestimento na ordem das aparências (Lipovetsky, 2009), em que o consumo induz o sujeito a sempre descartar o que já foi superado, inclusive as pessoas, sobretudo os idosos, que não gozam da autonomia dos mais jovens.

O sujeito contemporâneo não pode parar, deve sempre se aperfeiçoar. Assim, torna-se incapaz de silenciar diante dos grandes estímulos externos, impossibilitado que se encontra de pensar sobre suas questões internas, sua vida e ações, de silenciar e olhar para si. Bondía (2002) corrobora essa ideia, quando reflete sobre o fato de que diariamente muitas coisas se passam, mas quase nada acontece às pessoas, é experienciado por elas, o que se atribui à dificuldade do sujeito contemporâneo de se presentificar como um ser ativo diante de sua vida.

A falta de tempo pode ser vista como obstáculo para a experiência, de forma que tudo é facilmente substituível, pois vivemos em um carrossel de troca constante das coisas e acontecimentos, sendo tudo passageiro e descartável (Bondía, 2002).

Portanto, como se configura esse sujeito idoso contemporâneo que vive a própria vida como expectador, que tem suas possibilidades de experimentar limitadas, que não se presentifica como sujeito ativo quando perde, por morte, o seu cônjuge?

A Contemporaneidade, na busca de vencer a morte, tende a se dedicar aos problemas do moribundo e da cura, no entanto, após a morte, os problemas dessa ordem se encerram e as questões dos enlutados apenas iniciam. Em geral, a este último contexto é destinada pouca atenção (Parkes, 2009).

A perda do parceiro (às vezes de uma vida inteira) possibilita o surgimento de pesar e solidão mais intensos e prolongados do que os provocados pelos demais tipos de perdas (Parkes, 2009). Experienciar a morte do cônjuge é um dos grandes desafios a ser enfrentado pelo idoso, porquanto marco de grande repercussão na vida do sujeito, tanto no que se refere ao âmbito físico, quanto ao emocional (Parkes, 1998).

Diversas outras perdas acontecem na maturidade e/ou são potencializadas nesse período, como a perda do corpo jovem e da convivência com os filhos, que saem da casa de seus pais para viver as próprias vidas e/ou constituir suas próprias famílias (síndrome do ninho vazio), só para mencionar as mais comuns. Sua ocorrência, que pode se evidenciar simultaneamente, dificulta o bom desencadeamento do processo de luto por viuvez.

Também é válido apontar as dificuldades econômicas como fator agravante da solidão e da dificuldade de adaptação aos novos papéis ensejados pela perda. A aposentadoria, portanto, intensifica a condição do luto pela morte do cônjuge (Bromberg, 2000).

Além das questões de âmbito emocional que a perda do cônjuge faz nascer/emergir, um grande desafio comum a idosos viúvos é o de ter que adquirir outras habilidades, aprender

a desempenhar atividades nunca antes exercitadas, porquanto atribuições do cônjuge falecido, como manipular contas bancárias, cuidar da casa, cozinhar, dentre outras (Franco, 2010).

Nas pesquisas de Parkes (1998), por exemplo, as viúvas entrevistadas relataram que buscavam deliberadamente se manter ocupadas, muitas vezes trabalhando até mais tarde para evitar pensar no marido morto.

Quando se reflete acerca da realidade dos idosos, percebe-se que, com o avançar da idade, surge com maior frequência o sentimento de que a vida está chegando ao fim, o que leva esses sujeitos a pensarem mais sobre a morte, tanto sobre a sua, como a respeito do outro (daquele no qual é investido afeto).

A morte choca quando ocorre com alguém que próximo ou com quem é semelhante, em virtude da identificação social com a finitude. A morte do outro assusta, pois, além de quebrar um vínculo afetivo, faz com que se pense na própria morte.

A perda do cônjuge enseja intenso sofrimento, enquadrando-se nos piores tipos de perda, juntamente com a de filhos (Bromberg, 2000). A morte associada ao vínculo conjugal demanda tendencialmente maior energia do cônjuge afetado por ela ante a maior complexidade do processo de luto. Prevaecem mais aspectos negativos decorrentes desse tipo de perda em viúvos e viúvas do que em casos de perda por divórcio ou separação (Bromberg, 2000).

A vivência do processo de luto requer criatividade de quem nele se encontra, para que seja possível preencher o lugar, na vida, até então ocupado pelas pessoas amadas que foram perdidas (Parkes, 1998).

A perda por morte é um vínculo rompido de forma irreversível, cabendo ao sujeito enlutado elaborar seu luto por meio das memórias e lembranças adquiridas na relação com o

sujeito perdido. O luto é uma experiência vivenciada de modo consciente, por isso mesmo, muitas vezes, mais temido do que a própria morte (Kovács, 2010).

Bowlby (1985) cita fatores que influenciam o luto e que merecem mais atenção, como a identidade e o papel social da pessoa perdida, as causas e circunstâncias da perda, as circunstâncias sociais e psicológicas que afetam o enlutado (durante e após a perda) e a personalidade (destacando-se a resiliência), idade e gênero do enlutado.

Muitas doenças podem estar associadas a um luto mal elaborado, como distúrbios na alimentação e no sono, quadros somáticos e depressão (Kovács, 2010). Nesse contexto, reconhecendo-se que a saúde do idoso é probabilisticamente mais precária do que das pessoas apostas nas demais fases da vida, é possível concluir que as consequências de um luto mal elaborado na maturidade são agravadas.

Nos séculos XVII e XVIII, o luto patológico era considerado causa de morte. A expressão “coração partido” surgiu em razão de os sujeitos enlutados falecerem por problemas cardíacos desenvolvidos após a perda (Franco, 2010).

O luto mostra-se como reação à ruptura do elo emocional estabelecido, à perda de todo o investimento afetivo entre a pessoa e o ente falecido. Assim, a dimensão do luto é diretamente proporcional ao grau de apego, considerando-se os afetos relacionados à perda e suas possíveis significações (Bowlby, 1990).

É lícito dizer que quanto mais tempo se vive, probabilisticamente mais elos são estabelecidos e mais experiências são vivenciadas. Seguindo-se esse raciocínio, o idoso, de maneira geral, tem mais bagagem a ser perdida do que o jovem, ou seja, a possibilidade de perdas é potencializada com o avanço da idade. Essa bagagem materializa-se na figura de um

filho, de um neto, um bem, um trabalho, “aquisições” que aumentam as chances de um futuro luto, porquanto à medida que conquisto algo, conquisto também a possibilidade de sua perda.

O grau de dependência entre o enlutado e o falecido é diretamente proporcional ao dano que a perda acarreta à sua vida, conseqüentemente, maior será o investimento para reorganizar a vida mediante o processo de elaboração do luto (Bowlby, 1993).

Pensando-se além da realidade das perdas, a vida dos idosos pode ser vista também sob uma perspectiva positiva em razão de sua maior maturidade para vivenciar momentos difíceis da vida, com base em aprendizado propiciado por experiências anteriores.

A perda do companheiro remete a um processo de reorganização que, de maneira geral, se caracteriza pela transição de uma realidade apropriada para uma realidade desvinculada socialmente (Sousa & Baptista, 2013).

No âmbito dessa reorganização, insere-se a ideia das temporalidades sociais, conceituadas por Munné (1980). O tempo social é dividido em tempo psicobiológico, socioeconômico, sociocultural e livre; e permite identificar a divisão do tempo em diversos contextos de modo a perceber a subjetividade que perpassa o uso do tempo.

Aprofundarei a temática do tempo social posteriormente, nesta dissertação, mas, em virtude da demanda de reorganização do contexto da perda do cônjuge, julgo necessário destacar uma das subcategorias do tempo social: o tempo livre.

Para Munné (1980), tempo livre é uma categoria do tempo relacionada às ações humanas decorrentes da percepção de uso desse tempo com total liberdade e de forma criativa. Vale ressaltar que essa criatividade é importante para o desenvolvimento da flexibilidade na reorganização da vida causada pelo processo de luto pela morte do cônjuge.

Na prática, é válido questionar esse tempo completamente livre de normas sociais. O ser humano deve formular as próprias condições para gozar da liberdade de utilizar seu tempo da maneira como lhe aprouver. Para que isso aconteça, é necessário que logre discernir entre a necessidade interior (liberdade) e a exterior (obrigação). Assim, o tempo livre poderá ser conduzido do modo mais autônomo possível e com autenticidade (Munné, 1980; Waichman, 1997).

Ao se considerar a conversão do tempo livre dos idosos em tempos de “se reinventar”, abre-se a possibilidade de se converter a tristeza, a solidão e a alienação decorrentes da perda do cônjuge em autonomia pessoal e de elaboração e desenvolvimento da identidade.

Os que antes eram tempos sobrecarregados, com a aposentadoria, se configuram desprendidos de obrigações, que, por sua vez, podem se configurar como tempos vazios de sentido, marcados por acomodação e tristeza, em caso da perda de algum objeto de afeto. Dar sentido ao tempo dos idosos, portanto, se torna uma tarefa necessária (Sousa & Baptista, 2013).

Envelhecer implica sofrer perdas de ordens diversas, porém, constitui uma fase da existência humana que possibilita ao sujeito investir no desenvolvimento pessoal. É interessante buscar transformar o tempo livre dos idosos em tempo de ócio, para, assim, estimulá-los a criar respostas positivas às perdas que os afetam (Sousa & Baptista, 2013). Destaco o fato de que, quando se fala em tempos de ócio, entende-se ócio diferentemente de ociosidade e vazio existencial, mas como experiências transformadoras para o sujeito.

Essa dissertação foi elaborada com base em articulações e discussões amadurecidas pelas considerações expressas pela Banca de Qualificação do projeto e, sobretudo, pela inserção no campo de pesquisa.

“Na etnografia, o desenvolvimento dos problemas de investigação, raramente se completa antes de que comece o trabalho de campo; o começo da recolhida direta de informação, frequentemente, joga um papel-chave em seu processo de desenvolvimento. Podem ocorrer que, alguns dos problemas que haviam sido identificados ou elaborados no planejamento dos problemas preliminares, realmente não são pertinentes no lugar elegido para realizar o estudo”.(Hammersley & Atkinson, 1994, p. 53)

Assim, optei por trabalhar com a categoria tempo social, por tratar de conceito mais abrangente de tempo, levando em consideração as tipologias do tempo social de Munné, que serão exploradas no segundo capítulo deste volume.

A pesquisa teve como objetivo geral: cartografar as reconfigurações no tempo social do idoso advindas da morte do cônjuge; convocando também os objetivos específicos delineados na sequência.

- a) Compreender de que maneira o tempo social era constituído na relação conjugal.
- b) Investigar a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados.
- c) Identificar de que maneira o idoso faz uso de seu tempo social após a morte do cônjuge.

O questionamento central da pesquisa buscou dar conta de: quais as reconfigurações no tempo social do idoso advindas da morte do cônjuge? Assim, esta pesquisa ensejou a promoção de debates e estudos para que seja possível compreender melhor esse contexto e, conseqüentemente, estabelecer estratégias a fim de melhorar o suporte dado aos idosos após a morte do parceiro.

No intuito de atender os objetivos deste ensejo, me utilizei de formulações teóricas, a fim de auxiliar o entendimento desta pesquisa. Os preceitos teóricos foram distribuídos em três capítulos, abordando subtemas que perpassam a temática central desta investigação e que considero importantes para o acompanhamento do estudo.

O Capítulo 1 se dedica a contextualizar o Envelhecimento na Contemporaneidade como um fenômeno que recebe influência do âmbito sociocultural e constantemente é convocado a ser (re)constituído por ele.

O segundo módulo aborda e discute os conceitos referentes às temporalidades sociais, tendo como foco apreciações sobre a tipologia do tempo social de Munné (1980), a fim de esclarecer melhor o que intento dizer quando me reporto a tempo e temporalidades. Julguei ser essencial um espaço para a apropriação desta temática, pois as formulações teóricas que perpassam o tema trazem conceitos escorregadios e que se confundem.

Por fim, no segmento de número três, para dar conta das especificidades do contexto da perda do cônjuge em idosos, explorei este fenômeno sob a óptica da experiência.

Utilizei-me da pesquisa qualitativa para cartografar as reconfigurações no tempo do idoso advindas da morte do cônjuge. Considerei as questões éticas, realizando a investigação mediante o emprego do método etnográfico, por via da observação participante dos sujeitos. A observação ocorreu em visitas domiciliares aos idosos e os acompanhando em ambientes sociais que oportunamente frequentaram. A escolha deste método propiciou “mergulhar” no contexto de vida dos idosos e, assim, colher o máximo de informações para a análise dos sujeitos investigados.

Realizei entrevistas narrativas com seis idosos de ambos os gêneros que haviam perdido seus cônjuges no tempo mínimo de um ano.

Após esta etapa, recolhi as observações e analisei conforme o relato etnográfico; já o material recolhido das entrevistas foi agrupado em categorias, respeitando o procedimento de

agrupamento proposta pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), com suporte em Lefevre e Lefevre (2010).

Para finalizar, após a análise dos dados, trago as considerações finais, onde retomo os objetivos da investigação e explico comentários com base em todas as elaborações propiciadas ao longo da pesquisa.

## **1 ENVELHECIMENTO: NOVOS PANORAMAS NA CONTEMPORANEIDADE**

A Contemporaneidade é marcada pela febre das novidades, pelo movimento contínuo de criação e descarte de tendências sociais, produtor de um ciclo cultural do descartável e do efêmero. Como acentua Bauman, o contexto contemporâneo é caracterizado como “líquido mundo moderno que detesta tudo o que é sólido e durável”. (2004, p. 22)

O durável, na contemporaneidade, é percebido como cristalizado e ultrapassado, sendo supervalorizado o ciclo da transitoriedade, onde tudo é facilmente substituível por novidades.

É a capacidade . . . de encurtar o espaço de tempo da durabilidade, de esquecer o ‘longo prazo’, de focar a manipulação da transitoriedade em vez da durabilidade, de dispor levemente das coisas para abrir espaço para outras igualmente transitórias e que deverão ser utilizadas instantaneamente, que é o privilégio dos de cima e que faz com que estejam por cima. (Bauman, 2001, p. 159)

A efemeridade é a lógica do sujeito contemporâneo, de maneira que as novidades são cada vez aceitas com maior rapidez (Lipovetsky, 2009), convocando o sujeito a se distanciar das responsabilidades e dos compromissos. Ao assumir um compromisso “sólido”, o sujeito faz uma escolha e “perde” tudo aquilo que não escolheu, trazendo profunda angústia para o

sujeito contemporâneo que quer ter tudo. Escolher se torna uma tarefa geradora de sofrimento.

As possibilidades do mundo contemporâneo são diversas e cada vez mais sedutoras, de forma que não há espaço, atualmente, para o irrevogável. O objetivo é manter as possibilidades na ordem do infinito no intuito de manter fluidas e líquidas as relações contemporâneas, a exemplo do amor, que, como ensina Bauman (2004), não encontra seu significado no desejo por coisas completas e acabadas, mas na sua feitura, razão pela qual se torna de satisfação difícil.

A sedução contemporânea se efetiva por meio do investimento no consumo, aproveitando-se da ideia de felicidade como algo alcançável, ensejando uma série de comprometimentos para a saúde da pessoa, considerando que a ideia social de felicidade é utópica e que essa ilusão levará o sujeito a um ciclo de eterna busca pelo inalcançável.

A felicidade e a qualidade de vida são associadas ao poder de consumo, como se pode perceber com origem no grande crescimento de casos de psicopatologias na atualidade, visto que “a cultura do excesso e da urgência desencadeia pessoas mais angustiadas, frágeis, individualistas e consumistas e, assim, mais isoladas da coletividade”. (Pinheiro, Rhoden, & Martins, 2010, p. 1135).

Modelos são constituídos por meio do consumo, de maneira que as pessoas se encontram seduzidas por padrões, que, muitas vezes, são fontes de angústias quando não conseguem alcançá-los. Vale ressaltar que esses padrões podem mudar com o passar do tempo e são amparados por uma falsa ideia de individualização. Lipovetsky (2009) reforça tal noção quando explica que

Consumimos através dos objetos e das marcas, dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, virilidade, feminilidade, idade, refinamento, segurança, naturalidade, umas tantas imagens que influem em nossas escolhas e que seria simplista reduzir só aos fenômenos de vinculação social quando precisamente os gostos não cessam de individualizar-se. (p. 203).

A individualidade, portanto, é forte característica da Contemporaneidade e, em consequência de sua existência, pode-se perceber a fragilização dos vínculos. Essa fragilidade e a insegurança que permeiam as relações na atualidade são responsáveis pela emergência dos desejos antagônicos de firmar laços e, ao mesmo tempo, investir na sua liquidez (Bauman, 2004). Goldfarb (2004, p. 22) resume em poucas palavras a situação do homem contemporâneo e os impactos do contexto em que se insere em sua atuação: “Vivência de vazio e de desamparo são características do homem atual. Solidão, isolamento, fastio e embotamento favorecem o desinvestimento do mundo e da realidade.”.

É interessante observar, contudo, a influência intensiva da cultura ocidental contemporânea na formação e promoção da individualidade e a supervalorização do âmbito das aparências (Lipovetsky, 2009).

Pode-se dizer, portanto, que a regra da superficialidade conduz a produção e o consumo dos objetos. Trabalhando para fortalecer o poder de consumo está a cultura midiática, que, por sua vez, dissemina padrões de vida que estão em vigor no cotidiano, como conflitos familiares, desentendimentos conjugais e problemas de idade (Lipovetsky, 2009).

A supervalorização das aparências fica evidente quando se observa a ruptura da ordem do tempo legítimo diante da valorização da juventude, ou seja, os sujeitos buscam agregar às suas vidas tudo o que lhes confere a conotação de jovialidade. Desse modo, não se compram apenas sapatos, roupas e automóveis, mas, também, juventude. Essa realidade se tornou mais

intensa com a acepção da fugacidade mundana, o pesar conferido ao envelhecimento, a nostalgia da juventude e a noção de finitude (Lipovetsky, 2009). Para o autor, “Aparentar menos idade agora importa muito mais do que exibir uma posição social”. (Lipovetsky, 2009, p. 140).

Ante a realidade de valorização de juventude, encontra-se uma lógica de consumo na qual a utilização de estratégias de rejuvenescimento pode ser concebida como fenômeno terapêutico. Assim, nas palavras de Lipovetsky (2009), “Indo[-se] ao cabeleireiro, comprando[-se] isto ou aquilo, têm[-se] a impressão de [se] ‘fazer alguma coisa’, de ficar outra, de rejuvenescer, de se dar um novo começo”. (p. 175). Para Bauman (2004, p. 105), “o comprar compulsivo é também um ritual feito à luz do dia para exorcizar as horrendas aparições da incerteza e da insegurança que assombram as noites”.

Esse intenso investimento na tentativa de anular o corpo envelhecido atinge diretamente o idoso, de forma que, ao perceber essa dinâmica, busca incorporar a idealização do corpo jovem. Chnaiderman (2013, p. 46) reforça essa ideia, quando diz: “onde predomina o mito do corpo jovem, o mais velho é levado a querer ser também jovem, o que é impossível”.

Há, portanto, uma tentativa do idoso de se adaptar à incompatibilidade expressa socialmente entre o corpo jovem socialmente aceito e o corpo envelhecido carregado de representações negativas.

A supervalorização da juventude está intensamente vinculada ao culto ao corpo, demandando do sujeito um olhar contínuo sobre si, não no sentido de se autoconhecimento, mas de parecer adequado às expectativas do outro, como se evidencia nas próprias palavras de Lipovetsky (2009, p. 142), para quem “o imperativo juventude [, para além de agente incontestável de normalização social e de incitação à moda,] é da mesma maneira um vetor

de individualização, os particulares sendo obrigados a prestar uma atenção mais vigilante em si mesmos”.

O sujeito contemporâneo nunca tem o que quer e tudo parece estar fora de seu alcance, o que o leva a se manter em constante aperfeiçoamento (Chnaiderman, 2013). O “olhar para si” (autoconhecimento) não é profundo o suficiente para permitir a percepção complexa da rede que movimenta as concepções regentes das lógicas, tampouco dos mecanismos que as mantêm (Bauman, 2001). O sujeito é conservado por uma ilusão de lucidez com intensos traços de alienação na origem de suas formulações subjetivas.

Bauman (2001, p. 45) acrescenta que “Os seres humanos não mais ‘nascem’ em suas identidades”, antes, são obrigados a se transformar no que já são, por força do que considera “a característica da vida moderna”. O sujeito moderno, portanto, convive com o risco contínuo de autovigilância, atento às atitudes que irão constituir sua identidade.

A solidão é característica do mundo contemporâneo de forma que as angústias, medos e ansiedades são tomados pelo âmbito individual. No contexto grupal, o sujeito não deve expor suas fraquezas, mas assumir uma identidade autônoma e consumista. Nesse sentido,

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de “ir às compras” no supermercado das identidades, o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade, somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece. (Bauman, 2001, p. 107)

Ao sentirem o impacto do não reconhecimento causado pelas mudanças geradas pelo envelhecimento, os idosos buscam reiterar, repetidamente, suas experiências, a fim de afirmar sua identidade (Peixeiro, 2013, p. 70).

No tocante à identidade, os idosos ocupam, na sociedade contemporânea, uma posição de isolamento e negatividade. Com isso, confere-se a ele um estado de submissão, criando obstáculos ante suas possibilidades de se afirmar como sujeito ativo (Peixeiro, 2013).

O caráter efêmero, instantâneo e descartável da Contemporaneidade atinge também as relações, a exemplo das que se estabelecem virtualmente, nas quais os vínculos são percebidos como algo a ser consumido e não produzido. As relações são “objetalizadas”, tornando-se banais e igualitárias diante dos demais objetos de consumo.

Os relacionamentos virtuais, diferentemente dos ditos vínculos reais, denotam diversas características da Contemporaneidade, como a facilidade que proporcionam aos sujeitos de entrar e sair delas, a razão de sua leveza e abertura, visto que não se fecham diante de uma só possibilidade (Bauman, 2004).

Ainda no que se refere aos relacionamentos virtuais, ele proporciona ao sujeito contemporâneo maior liberdade, pois

[...] promete uma navegação segura (ou pelo menos não-fatal) por entre os recifes da solidão e do compromisso, do flagelo da exclusão e dos férreos grilhões dos vínculos demasiadamente estreitos, de um desprendimento irreparável e de uma irrevogável vinculação. (Bauman, 2004, p. 25).

Pensando na questão do trabalho, este, por sua vez, é tomado pelo apelo consumista da Contemporaneidade e supervalorizado ante uma noção de progresso.

[...] o trabalho ser elevado ao posto de principal valor dos tempos modernos, sua maravilhosa, quase mágica, capacidade de dar forma ao informe e duração ao transitório... Graças a essa capacidade, foi atribuído ao trabalho um papel principal, mesmo decisivo, na moderna ambição de submeter, encilhar e colonizar o futuro, a fim de substituir o caos pela ordem e a contingência pela previsível (e portanto controlável) sequência de eventos. (Bauman, 2001, p. 172).

Atrelada à noção de trabalho como algo diretamente vinculado ao progresso, na Contemporaneidade percebe-se a tendência do sujeito de se apropriar de tudo o que o mundo oferece, de produzir e agregar, sem se preparar adequadamente para as perdas, inerentes a sua humanidade.

Em um contexto de busca intensa por ganhos, a dor da perda é potencializada, sobretudo quando estão envolvidos idosos, contingente para o qual tais perdas são probabilisticamente mais frequentes.

O ciclo vital é segmentado em fases que, por sua vez, são delimitadas por características estigmatizadas decorrentes da lógica capitalista de consumo. Com o passar dos séculos, cresce a expectativa de vida, resultando na necessidade de se conceber novos conceitos para o enquadramento das outras idades. Os anos iniciais da existência foram distribuídos em duas fases, denominadas de infância e juventude, socialmente indiferenciadas do período adulto no contexto pré-capitalista (Ariès, 1978). Posteriormente, nos anos 1960, surge a expressão “terceira idade”, compreendendo o período da maturidade à velhice (Lenoir, 1979).

O envelhecimento é um fenômeno de caráter individual, ação subjetiva na qual se deve considerar a história de vida do sujeito que envelhece a fim de se compreender como se configura a experiência de envelhecer para ele. É importante considerar a individualidade no

âmbito desse processo, que deve ser apreciado sob o ponto de vista existencial e, sobretudo, cultural (Sousa & Baptista, 2013).

Há um paradoxo no que se refere ao sentido atribuído ao idoso: de um lado, percebe-se o prestígio conferido a ele, em razão da experiência e sabedoria acumuladas ao longo dos anos vividos; em contrapartida, tem-se a visão do idoso associada a estranhamento, rechaço e exclusão social (Tolotti, 2005).

Essa visão social do idoso como uma pessoa improdutiva e desvalorizada ainda permanece na atualidade, embora não na mesma intensidade, dadas as mudanças em sua realidade que ocorreram nos últimos anos, levando-a para uma perspectiva mais positiva (Goldfarb, 2004).

Deve-se considerar o fato de que o idoso é influenciado não somente por questões subjetivas, mas também objetivas marcadas pelo estado biológico em si. Unindo-se as questões subjetivas e objetivas do envelhecimento, surgem obstáculos maiores para que o idoso assimile esse processo.

É cada vez maior o número de idosos buscando desmedidamente manter um padrão de juventude que já não está ao seu alcance, nem sob a perspectiva biológica, tampouco sob o âmbito psicológico, panorama que enseja o surgimento de psicopatologias em razão das perdas, sobretudo à do corpo jovem, que se vincula à percepção de ausência de um tempo futuro, impossibilitando a sua substituição por ganhos (Birman, 1995).

A vida do idoso é marcada por mudanças, sobretudo as promovidas por perdas, que acontecem na maturidade e/ou são potencializadas nesse período. Na lição de Argimon, Pizzinato, Ecker, Lindern e Torres (2012), a fase idosa se configura como um período da vida na qual “se perde”, restando a ideia de envelhecimento associada a um tempo de perdas,

embora nem sempre sejam reconhecidas como tais, como se evidencia nas palavras de Peixeiro (2013):

Muitas vezes, antes mesmo de não serem elaboradas, as perdas não podem ser reconhecidas, pois o entorno do sujeito não reconhece a chegada da velhice e as perdas que dizem respeito a esse período: perdas relativas ao próprio corpo, aos lugares de reconhecimento social, à morte das pessoas de uma mesma geração, entre outras (p. 69).

Ao se eleger a perda por morte do cônjuge como foco de delate desta pesquisa, ressaltam-se as questões culturais como fatores que influenciam a maneira de se lidar com o tipo de luto que a sucede, sobretudo no que diz respeito ao que socialmente se espera do viúvo ou viúva no que concerne à atitude, a obrigação de mostrar tristeza e dor por longos períodos após a perda, ou a internalização de elaborações sociais que obstaculizam a expressão dos sentimentos, como “você deve ser forte”, “homem não chora”, entre outras, reforçam a ideia de que o sujeito deve ser inabalável, influenciando no processo de luto.

Dificuldades para se lidar com o luto podem resultar em graves consequências para a saúde do sujeito, sobretudo quando com idade avançada. Estudos mostram grande impacto somático em enlutados decorrente de morte do cônjuge (Bromberg, 2000).

Ainda no tocante à influência do luto na saúde do sujeito enlutado, a taxa de mortalidade é consideravelmente mais elevada entre viúvos e viúvas do que entre pessoas casadas (Parkes, 1998).

Ao contato com essa realidade, faz-se importante explorar o contexto da viuvez em idosos, a fim de melhor se compreender tal conjuntura. Antes disso, porém, abordará a seguir a questão das temporalidades sociais a fim de que o leitor possa chegar ao contexto da viuvez

compreendendo as possibilidades de uso do tempo do sujeito contemporâneo no enfrentamento desse tipo de perda.

## **2 AS TEMPORALIDADES SOCIAIS**

Compreendendo-se a contemporaneidade e as possibilidades da vivência de experiências pelo sujeito inserido nesse âmbito, considera-se importante explorar as noções de tempo, para, então, chegar ao núcleo desta investigação.

Aprofundar-se-á o conceito tipológico das temporalidades sociais de Frederic Munné (1980), a fim de se averiguar as diversas maneiras de se lidar com o tempo nos variados âmbitos de vida do sujeito, partindo-se do desmembramento do tempo social em tempo psicobiológico, socioeconômico, sociocultural e livre.

O tempo psicobiológico, como a própria denominação esclarece, é preenchido pelas atividades de cunho biológico e psicológico, como dormir, se alimentar e ter atividade sexual.

Para dar conta das necessidades econômicas, Munné concebe o tempo socioeconômico, marcado por atividades laborais e de estudos, só para mencionar algumas, voltadas à obtenção de capital. Quando essas atividades perpassam a instância do prazer e da realização, esse tempo é autocondicionado, porém, em geral, se trata de um tempo empregado para o cumprimento de obrigações, cujo preenchimento requer do sujeito menor autonomia.

Já o tempo sociocultural é empregado em atividades voltadas à interação social do sujeito. Nessa classe do tempo, pode-se identificar tanto o autocondicionamento quanto o heterocondicionamento, a depender da origem das relações sociais.

O autor, por fim, conceitua tempo livre como um tempo de maior liberdade que a pessoa preenche de acordo com suas necessidades de elaboração de si e do mundo, sem se

submeter a necessidades ou pressões sociais em sua atuação. O tempo livre é ocupado por atividades originárias de necessidades íntimas e subjetivas.

Os conceitos de tempo livre, ócio e lazer estão bastante relacionados, de forma que são necessários maiores esclarecimentos a fim de se entender melhor o primeiro entre eles, pois, apesar de comportarem definições distintas, são bastante confundidos e deturpados em meio à *communis opinio*. Antes de tudo, porém, há de se refletir acerca do quarto conceito que, por sua vez, influencia os demais: o de trabalho.

As concepções de ócio e trabalho não se opõem, contudo, o contexto contemporâneo compreende o trabalho como eixo central que rege as temporalidades do sujeito, corrompendo a essência desse fazer e o distanciando do autocondicionamento. Essa concepção é fruto de uma elaboração histórica, alvo de constantes modificações ao longo do tempo. Para ilustrar as mudanças em comento, pode-se refletir sobre as figuras mitológicas de Kronos e Kairós, a primeira referindo-se ao “tempo destruidor” e delimitada pelas horas, enquanto a segunda privilegia a perspectiva do tempo subjetivo e eternizado pela experiência.

Na Contemporaneidade, o tempo dominante é Kronos, porém, em períodos anteriores, o tempo Kairós dominava a vida do sujeito. Nas sociedades pré-industriais ou mítico-eróticas, não havia diferenciação entre o trabalho e as outras atividades exercidas pela pessoa. O tempo não era dividido entre as ações, pois a prática das atividades era motivada tanto pela necessidade quanto pelo desejo, e ocorria de forma espontânea. Pessoas de qualquer idade e gênero podiam desempenhar quaisquer tarefas, de forma que todos participavam da execução das atividades e elas eram regentes de seu tempo, uma vez que o foco era a efetivação das atividades e não o tempo que elas consumiam para sua realização.

O tempo Kronos passa a dominar o tempo Kairós mediante o ingresso da mão de obra livre e assalariada no mercado (valorizando o comércio), a expansão do sistema funcional

(marcado pelos bens e o trabalho assalariado) e a crise agrária, monetária e demográfica ocorrida nesse período.

A monetarização crescente da economia e a ampliação dos mercados consumidores dá ensejo ao surgimento do capitalismo. Kronos escraviza o sujeito por meio do consumo e da imposição da emergência de novas formas de produção, mais ágeis e eficientes. O trabalho deve ser potencializado, surgindo, assim, a sua segmentação.

A dimensão espiritual sempre influenciou o sujeito quanto à maneira de perceber o trabalho. Na Grécia antiga, o trabalho manual era visto como algo desumanizador, sendo a atividade divina aquela voltada para o sentido criativo.

Após a Reforma Protestante e o nascimento da sua ética, a ideia dogmática da Igreja sobre o acúmulo de riquezas como algo pecaminoso deixa de vigorar, e o trabalho passa a ser concebido como engrandecedor do homem, portanto, promotor de sua salvação, contanto que as riquezas acumuladas fossem utilizadas em ações consideradas de essência bondosa.

Com a Revolução Industrial e o aumento das jornadas de trabalho (uniformizadas e heterocondicionadas), o tempo laboral passou a ocupar maior espaço na vida do sujeito. O tempo, então, assume valor econômico à medida que o sujeito o vende a fim de acumular riquezas.

Com efeito, o trabalho como eixo centralizador da existência começa a perder o sentido em decorrência da falta de tempo para reflexão. Esse problema surge da prevalência do Kronos sobre o Kairós, este último, assim como a experiência de ócio, cada vez mais raro na Contemporaneidade, na qual se supervaloriza o consumo, e a pessoa trabalha para consumir.

Na continuidade, a classe trabalhadora conquista o direito ao tempo livre e se evidencia a cisão entre o tempo produtivo e o tempo do lazer. É importante destacar o fato de que esse lazer se refere ao tempo do descanso, destinado ao desenvolvimento da personalidade e à diversão. Os avanços tecnológicos, no entanto, potencializaram o tempo de trabalho do sujeito a fim de facilitar o processo de produção, e o próprio sujeito agrega outras atividades produtivas para ocupar o tempo livre que surgiu, respondendo à dinâmica contemporânea de supervalorização da capacidade produtiva.

Ocorre que, sob o controle do consumo, o lazer e o tempo livre ganham proporções alienadoras, impossibilitando a vivência do ócio, como explicam Pinheiro, Rhoden e Martins (2010, p. 1142): “na contramão do cenário hipermoderno, no tempo livre deveria ser possível vivenciar o ócio. Entretanto, o consumo que move a hipermodernidade termina por mercantilizá-lo, deteriorá-lo, coisificá-lo, então, reduzi-lo em suas significações”.

Essa lógica alienadora permeia a pessoa no momento em que ela se torna um ser social, visto que as escolas, por exemplo, reproduzem um dogma social de preparo da criança e do jovem numa visão estritamente voltada para a formação de trabalhadores, ignorando suas necessidades individuais, não os educando para o uso do tempo.

O ócio foi objeto de uma conotação negativa, tornando-se o “pai de todos os vícios” graças ao puritanismo religioso: “Deus ajuda quem cedo madruga”, e às traduções de textos europeus que consideravam lazer como sinônimo de ócio. A experiência de ócio, porém, se refere à liberdade, à gratuidade e à particularidade, sendo autocondicionada e movida pelo prazer de quem a realiza: o ócio, assim, não é meio para se chegar a algo, mas a própria finalidade.

O investimento do sujeito contemporâneo no hiperconsumo (Lipovetsky, 2007) e a comercialização de estilos de vida criam empecilhos para a experiência do ócio. Ao mesmo

tempo em que se percebe o fluxo dominante de valorização do trabalho como meio de produção, também se observam pessoas que vivem sob uma lógica que vai contra essa dinâmica majoritária, optando por trabalhar de forma autônoma, muitas vezes na própria casa. Assim, entende-se que a criação de estratégias de educação para o ócio seria interessante, em decorrência da necessidade de se promover a experiência pessoal, conseqüentemente, a saúde do ser humano.

Para Cuenca (2003), o ócio constitui experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana, sendo, desse modo, algo desejado e, sobretudo, fruto de uma escolha livre. O ócio promove a libertação, a criação e a contestação, exercendo função terapêutica na vida do sujeito, à medida que contribui para a manutenção da sua saúde física e mental.

Assim, considerando-se os tempos sociais de Munné e a importância da experiência de ócio na vida pessoal, é possível traçar reflexões acerca do tempo social e do idoso em decurso de luto.

As maneiras de agir se modificam ao longo da vida e o uso do tempo cria condições para a existência diária, consolidando a identidade do sujeito diante do lugar que ocupa no mundo (Ferrari, 2007). Apesar de o uso do tempo também ser alterado, as mudanças tendem a diminuir de intensidade com o passar dos anos, pois as pessoas mais velhas, em geral, costumam denotar menos flexibilidade para se adaptar a elas em decorrência de hábitos mais cristalizados.

A aposentadoria, realidade frequente em idosos, permite a desobrigação do sujeito de cumprir atividades formais de cunho laboral, e “o ingresso nesse período vem então acompanhado por um imenso tempo livre, em que o fazer, que é uma necessidade humana, encontra-se bastante prejudicado, principalmente, entre outras causas, pela falta de preparação para vivenciá-lo”. (Ferrari, 2007, p. 244).

A dificuldade de se lidar com o tempo torna-se agravada com a perda do cônjuge, e os sentimentos gerados por ela surgem como um novo aspecto a se administrar nessa dinâmica.

O tempo abre às pessoas várias possibilidades, convocando-os, inclusive, ao seu uso contemplativo e prático (Ferrari, 2007), que, por sua vez, muito se assemelha à perspectiva da experiência, da liberdade, do autoconhecimento, dinâmicas essenciais para a decorrência do luto.

### **3 A EXPERIÊNCIA DA PERDA DO CÔNJUGE EM IDOSOS**

A pessoa começa a envelhecer desde o momento do nascimento, fato, portanto, inevitável na vida, assim como a morte e, assim como esta, alvo de constantes tentativas humanas de controle.

Apesar de constituir um fato cuja ocorrência se efetiva durante todo o ciclo vital, na fase idosa é que o envelhecimento é mais enfatizado, pois o processo se torna mais evidente por, de maneira geral, produzir mais consequências na autonomia da pessoa.

Tendo como base a cultura contemporânea, o envelhecimento é visto como algo contraproducente, sinal de predestinação, anterior e anunciador da morte.

Com o aumento da expectativa de vida, os idosos aumentaram em número. Ao mesmo tempo, a sociedade se desenvolveu mais tecnologicamente, passando, com isso, a supervalorizar a pessoa produtiva e trabalhadora. Como reflexo dessa dinâmica, criou-se uma lógica de desvalorização do idoso, pois ele já não demonstra as mesmas condições produtivas para o capital como quando mais jovem.

Segundo D'Assumpção (2005), vive-se em uma sociedade rígida que lança a visão para o idoso como sujeito desolado e impotente. O indivíduo, ante esse cenário social, passou

cada vez mais a negar seu envelhecimento, buscando continuar trabalhando mesmo após a aposentadoria a fim de se manter produtivo e aderir a diversos procedimentos médico-científicos para retardar a sua manifestação.

Com isso, pode-se perceber que a maneira como a pessoa lida com o envelhecimento e o relaciona com a morte está diretamente ligada às influências sociais da cultura contemporânea.

A predominância da superficialidade nas relações estabelecidas e mantidas pelo sujeito contemporâneo induz a se pensar sobre a qualidade do tempo estruturador da vida. O mundo materialista provoca na pessoa o desejo obsessivo de produzir, agregar e ganhar, de forma que o seu tempo livre torna-se desinteressante e, até mesmo, fonte de angústia e associado à perda: “perda de tempo”.

À medida que a sociedade industrial ganha poder, maior é seu potencial alienador, conseqüentemente, menor a liberdade do sujeito, que se torna cada vez mais vulnerável a ela. Tendo como meta a supervalorização do capital, impõe a esse sujeito vulnerável que busque cada vez mais o acúmulo de riquezas e, com isso, tenha a produtividade como âmbito primordial em sua vida.

Esta asserção remete ao conceito de sociedades de controle de Foucault (1987), assim consideradas aquelas que agem por meio da imaterialidade, dotadas de mecanismos de poder orientados para o sujeito e destinados a governá-los de maneira permanente, sendo o poder exercido de forma volátil. Esse poder que ninguém percebe, mas a que todos são susceptíveis, é efetivo, pois atinge o núcleo da fragilidade do ser humano: o desejo pela felicidade em um período finito - a vida.

A morte é inerente à vida de todo ser vivo, porém, o tempo de sua ocorrência é incerto, o que leva Dupuy (2012) a destacar que “Atrás da desenfreada concorrência entre todos os povos da Terra que denominamos crescimento econômico mundial, existe uma corrida contra o relógio, uma corrida contra a morte e contra a finitude natural do ser” (p. 305). A finitude, no entanto, pode ser visualizada como algo positivo para o sujeito, tendo em vista que, se os indivíduos fossem eternos, tenderiam a procrastinar o que poderiam fazer no momento (presente) para depois (futuro incerto), ocasião que, provavelmente, não chegaria, pois sempre haveria um espaço futuro para a realização da ação intentada. Assim, a noção de finitude pode agir como meio promotor de experiência, pois estimula/impulsiona o sujeito a se colocar como ator de sua vida e não um mero telespectador.

Além de estar em contato constante com a possibilidade da própria morte, o sujeito depara a morte do outro, que, por sua vez, atua como lembrete da própria finitude. Nessa perspectiva, destaca-se o papel da experiência no que se refere ao seu caráter de “tempo para si” e de “apropriação”, de relaxamento e (des)conexão, fatores facilitadores do restabelecimento da segurança, da estabilidade e da identificação de novas possibilidades de enfrentamento; essenciais, portanto, à elaboração do luto.

Bondía (2002) aponta o caráter subjetivo das palavras, descrevendo-as como meios de expressão pessoal do pensamento, que atribuem sentido ao que se é e ao que acontece com os indivíduos.

Para ilustrar esse entendimento, toma-se a palavra “viuvez”, originária do vocábulo latino feminina *vidua*, que, por sua vez, significa “ser privada de algo” (Doll, 2007). Verifica-se que a privação contida nesse significado constitui experiência vivenciada por alguém em algum momento de sua existência, remetendo-se sempre a algo pessoal que o outro não é capaz de descrever, somente o sujeito da experiência.

Com efeito, se pode dizer que o luto é uma experiência à medida que afeta e enseja sentimento no sujeito enlutado. A realidade contemporânea, no entanto, de negação das perdas e de superprodução, promove a alienação do sujeito, que é fabricado, manipulado e incapaz de experimentar, criando obstáculos à vivência saudável de experiências inevitáveis como as perdas.

Os principais fatores que propiciam obstáculos à experiência são a falta de tempo e a memória, fruto da velocidade e do caráter dinâmico do mundo moderno, que decreta a obsolescência constante das coisas e acontecimentos, porquanto tudo é passageiro e descartável, e a sua conseqüente substituição. O mundo contemporâneo é tão veloz e dinâmico que o sujeito se torna incapaz de silenciar e olhar para si, de pensar sobre sua vida e de viver o ócio (Bondía, 2002).

Esse sujeito, então, influenciado pelas razões contemporâneas da velocidade das transformações e da produção e veiculação das informações, quer estar em todos os lugares e, ao mesmo tempo, em nenhum, e se apropriar de todas as possibilidades de vida que o mundo lhe oferece, embora denote dificuldade em alcançar a dimensão experiencial, porquanto, como observa Bondía (2002), é um “sujeito [que] usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo” (p. 23).

Instala-se, por conseguinte, uma era de vazio na Contemporaneidade, em que as aparências ocupam lugar de destaque e a essência é relegada a segundo plano. Grande parte do tempo do sujeito é ocupada com assuntos amplos, impessoais e sem sentido. O seu distanciamento de tudo aquilo que o toca, portanto, dificulta também o luto, cuja administração requer autoconhecimento e criatividade. Nas palavras de Martins (2013),

Se nos tornarmos sujeitos ou “assujeitados” de nosso tempo, a questão é que, bombardeados de informações e com muito pouco tempo disponível para elaborar nossa sabedoria, vamos sobrevivendo em uma existência mais condicionada a atender demandas externas do que internas (uma existência mais condicionada “para fora” do que “para dentro”) (p. 12).

A experiência é algo que vai além da informação e do conhecimento, atingindo uma dimensão subjetiva. O ato de experimentar exige um grande investimento do sujeito para se impor “contra a maré”, que o empurra para o sentido contrário, da não experiência. Trata-se, antes de tudo, de um exercício pessoal de se tornar sujeito de sua experiência, deixar a atividade e se tornar passivo, receptivo e disponível. É a arte de receber e dar sentido àquilo que lhe chega.

O luto pode ser considerado experiência inevitável pela própria essência, pois surge do rompimento de vínculo, ensejando reflexão e transformação; o sujeito nunca mais é o mesmo desde o momento em que perde alguém próximo.

O sentido conferido pelo sujeito à experiência é o chamado “saber da experiência”, que “se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer” (Bondía, 2002, p. 27). Esse saber no âmbito do luto é particular, finito, subjetivo e relativo, notadamente porque ninguém pode se apropriar da experiência do outro.

A experiência está vinculada à noção de tempo, visto que o idoso ainda é marcado por um estigma contemporâneo de que a ele resta somente deparar a morte, não lhe sobrando outras possibilidades. O tempo do idoso é mais restrito (Hermann, 2013).

Sabe-se que a finitude é da essência do humano e pode se concretizar em qualquer idade, mas, na vida do jovem, sua ocorrência se configura como risco e na do idoso é uma certeza (Barbieri, 2013). “É como se o presente do velho não existisse para ele e não existisse, portanto, a possibilidade de ressignificar o passado no presente e, muito menos, de projetar um futuro” (Peixeiro, 2013, p. 72). O idoso, em geral, tem mais consciência de que seu tempo é limitado e, com isso, muitas vezes se acomoda no que se refere a investir na experiência e nos processos de ressignificação.

### **3.1 A perda do cônjuge em idosos**

Com o objetivo de se abordar uma temática específica como a da perda do cônjuge em idosos, faz-se necessário explorar alguns contextos mais gerais, a fim de se caminhar paulatinamente para o foco. Primeiramente, se discorre sobre a perda do cônjuge, explorando-se as quatro fases do luto de Bowlby (1993), para, em seguida, se discutir sobre as condições que afetam o curso do luto, como o papel da pessoa perdida na relação e na vida do viúvo, a personalidade, a idade e o sexo do enlutado. Findas essas considerações, parte-se para o contexto específico da perda do cônjuge em idosos.

O luto por perda do cônjuge é o que mais ocasiona encaminhamentos psiquiátricos (Parkes, 2009). No que se refere a outras significativas perdas,

[...] vemos que nas culturas ocidentais os adultos que sofrem de luto perturbado estão em grande parte, entre aqueles que perderam um marido; e em menor escala, entre os que perderam a esposa, o pai ou a mãe, um filho, sendo relativamente rara a perda do irmão (Bowlby, 1993, p. 187)

Assim, em decorrência dessa complexidade, faz-se necessário explorar as especificidades da experiência da perda do cônjuge.

Ao se levar em conta observações feitas por pessoas que perderam entes próximos, Bowlby (1993) percebeu que o enlutado geralmente atravessava fases semelhantes em seu decurso luto, ainda que oscilantes, esclarecendo que não havia como definir precisamente a durabilidade de cada fase ou identificar a sua superação.

O autor conseguiu identificar quatro fases, iniciadas pelo entorpecimento, que, de maneira geral, persiste desde horas até uma semana, caracterizado pela raiva e aflição intensas. A fase de busca pela figura perdida é a seguinte, e se diferencia das demais pela maior duração, porquanto pode se arrastar por meses ou até anos. Na continuidade, vem a quadra de desorganização e desespero e, por fim, o período de reorganização.

O tempo de entorpecimento se inicia após o momento em que a perda é anunciada. É a ocasião de choque, na qual o sujeito se encontra incapaz de aceitar a perda como algo real. O enlutado pode continuar a vida normal, porém, em geral, se sente tenso e apreensivo, sendo surpreendido por explosões emocionais intensas, em que predominam o pânico e a raiva.

Em seguida, inicia-se a fase de anseio e busca pela figura perdida, ocasião em que o enlutado compreende a perda como realidade. É marcada por diversos sintomas, que envolvem desde sonhos muito reais, em que a pessoa perdida está viva, resultando na frustração do enlutado ao acordar, até “desânimo intenso, espasmos de aflição e soluços lacrimosos . . . [, além de] inquietação, insônia, preocupação com lembranças do marido perdido, combinadas geralmente com sensação da presença concreta do mesmo” (Bowlby, 1993, p. 89).

O sentimento de raiva também é intenso nesse período, quer direcionado para o que ou quem se considera como responsável pela perda, quer em consequência das frustrações enfrentadas pelo próprio luto, e a pessoa “se sente impelida para a busca e, se possível, para a recuperação da pessoa que se foi” (Bowlby, 1993, p. 90). Essa busca é uma realidade natural

do percurso do luto, cuja intensidade deve regredir com o passar do tempo, caso contrário, será forte indício de uma elaboração patológica de luto.

Consumido por essa intensa raiva, que acompanha outras características da segunda quadra do luto, como “a busca incessante, a esperança intermitente, o desapontamento repentino, o pranto, . . . a acusação e a ingratidão” (Bowlby, 1993, p. 95), o enlutado se torna, muitas vezes, hostil diante dos consoladores, afastando-os, promovendo seu isolamento social e, conseqüentemente, criando obstáculos para a elaboração de sua perda.

O sujeito enlutado nesse período tende a entrar em uma dinâmica paradoxal em que, nalguns momentos, busca se aproximar de tudo o que lembra a pessoa perdida e, em outros, persegue contextos totalmente distantes, a fim de não despertar lembranças vinculadas a ela. Criar estratégias para lidar com esse paradoxo é tarefa das fases seguintes, de desorganização e desespero e reorganização, nas quais se evidencia a demanda pela reconstrução da vida, exigindo que a pessoa enlutada suporte a intensa gama de emoções. Nesse sentido, como observa Bowlby (1993),

Ela só conseguirá aceitar e reconhecer, gradualmente, que a perda é na verdade permanente e que sua vida deve ser reconstruída novamente, se lhe for possível tolerar o abatimento, a busca mais ou menos consciente, o exame aparentemente interminável de como e por que a perda ocorreu, e a raiva em relação a qualquer pessoa que possa ter sido responsável, sem poupar nem mesmo a pessoa morta (p. 96).

Estudos mostram que viúvos(as) permanecem tendo a sensação da presença do morto, mantendo, muitas vezes, conversas com ele. Esse fenômeno varia de acordo com a duração do casamento, sendo mais frequente, portanto, em viúvos(as) mais velhos (Bowlby, 1993). Essa sensação de presença não necessariamente se configura como fator negativo no luto,

sendo, em alguns casos, um aspecto facilitador, “que faz com que seus sentidos de identidade sejam preservados e tornem-se capazes de reorganizar suas vidas dentro das linhas que lhes parecem significativas” (Bowlby, 1993, p. 101).

Espera-se que nessa fase o enlutado perceba que não poderá retornar às condições anteriores à perda, avalie sua nova situação e crie estratégias para enfrentá-la, entrando em um período de reorganização. Os papéis mudam, de forma que já não se é mais marido ou mulher, mas viúvo ou viúva. Esse novo papel é assumido juntamente com toda a carga subjetiva e social que representa, variando de acordo com diversas condições como gênero e idade, dentre outros fatores a serem abordados posteriormente.

O reconhecimento de que o vínculo com o cônjuge falecido é contínuo surge na fase de reorganização como algo que torna possível seguir, pois se sabe que nunca se deixará de ter a pessoa por perto, subjetivamente (Parkes, 2009).

Quanto ao luto, conclui-se que não tem como ser delimitado pelo tempo, porquanto depende da individualidade de cada enlutado. Há questionamentos acerca da definição do fim de um luto - alguns autores acreditam que, em razão das intensas marcas que produz, ele nunca se encerra. Na fala de uma das viúvas entrevistadas por Bowlby (1993), “O luto não termina; ele apenas surge com menor frequência, com o passar do tempo” (p. 104).

### **3.1.1 Variáveis do luto**

Levando-se em consideração o fato de que o luto é subjetivo, e influenciado por diversas circunstâncias, julgou-se importante apontar algumas das condições que afetam o seu curso, com destaque para a identidade da pessoa enlutada, sua idade e gênero, as causas e circunstâncias da perda, o contexto social e psicológico do enlutado no momento da perda e

após, e a personalidade do enlutado, sobretudo no que se refere a sua capacidade de reagir a situações adversas (Bowlby, 1993).

Deve-se, antes de tudo, observar que essa condição da personalidade do enlutado é o aspecto de maior importância, porquanto influencia os demais. A personalidade indicará com que lente o enlutado irá observar o mundo após a perda.

Além das questões de âmbito emocional que a perda do cônjuge faz nascer/emergir, um grande desafio comum a idosos viúvos é ter que adquirir outras habilidades, aprender a desempenhar ações nunca exercitadas, pois atribuições do cônjuge falecido, como manipular contas bancárias, cuidar da casa, cozinhar, dentre outras (Franco, 2010).

As pessoas perdidas podem ter exercido diversos papéis e estes influenciarão o luto, pois muitos desses papéis são direcionados ao companheiro enlutado após a perda.

Outra variável que interfere no luto é a idade do enlutado na época da perda. Pesquisas sugerem que quanto mais jovem o sujeito for ao enviuvar, mais intenso será o luto e maiores serão as chances de surgirem doenças (Bowlby, 1993). Há que se considerar, no entanto, que o contexto dos idosos enlutados remete a perdas múltiplas e à falta de perspectivas, de maneira que denotam também sérios agravantes que, por sua vez, não se manifestam em enlutados jovens.

No que se refere ao gênero do enlutado, dados apontam que as mulheres são mais atingidas pelo luto patológico do que os homens. Sabe-se, no entanto, que a incidência de perda do cônjuge também é maior em mulheres, de maneira que não é possível concluir que estas sejam mais vulneráveis (Bowlby, 1993).

De acordo com a cultura, a liberdade para a expressão do luto pode variar consoante o gênero do enlutado:

[...] embora as reações emocionais e psicológicas à perda de um cônjuge sejam muito semelhantes, há diferenças na liberdade com que as emoções se expressam, e também na maneira pela qual são feitas tentativas para enfrentar uma vida social e de trabalho que sofreu uma ruptura. Muitas dessas diferenças não são grandes, mas parecem constantes ( Bowlby, 1993, p. 106).

Dessa forma, pode-se considerar que a cultura, por meio de concepções de gênero, influencia diretamente o luto, bem como a atitude do enlutado após a perda. Os homens, por exemplo, tendem a inibir e mascarar a expressão de seus sentimentos, demonstrando relutância em buscar ajuda a fim de obter o suporte social necessário para lidar com a perda (Parkes, 2009).

Para ilustrar melhor a influencia da concepção cultural de gênero em enlutados, elegeu-se o caso de novos relacionamentos após a perda do cônjuge. De acordo com Bowlby (1993, p. 98), “Poucas viúvas casam-se novamente. Isso ocorre, em parte, por serem raros os pretendentes adequados, e igualmente também devido à relutância de muitas delas em sequer examinar a possibilidade de um novo casamento”. Já os viúvos tendem a aceitar melhor essa possibilidade.

No estudo de Marris, uma, em cada cinco das 33 que ficaram viúvas antes do 40 anos, havia casado novamente. Para as viúvas mais velhas a proporção é muito menor. Em contraste, a proporção de viúvos que se casam outra vez é relativamente elevada (Bowlby, 1993, p. 98).

Ainda no que se refere a um novo casamento, a condição da perda súbita e precoce, em geral, cria obstáculos para a sua busca, em razão do trauma de que a perda ocorra de forma inesperada novamente (Bowlby, 1993).

As perdas inesperadas tendem a abalar o mundo presumido do sujeito, seus projetos, produzindo inseguranças quanto aos seus vínculos mais seguros. Da mesma forma, acontece com as perdas múltiplas que, assim como as perdas súbitas, muitas vezes, ensejam lutos complicados (Parkes, 2009).

Bowlby (1993) aponta outras condições que influenciam o luto, ressaltando as condições da perda (a perda súbita e precoce é a mais marcante), o período de assistência do enlutado dedicado ao cônjuge, possíveis deformações ou mutilações sofridas pelo corpo do morto, a forma como a perda foi informada ao enlutado, a relação vivenciada pelo sujeito perdido e o enlutado em período anterior à perda, e a responsabilidade (culpa) pela morte. O suicídio e as múltiplas perdas também são condições ressaltadas como atípicas pelo autor.

No que se refere às circunstâncias da perda, em casos de doenças físicas e incapacidades, observa-se sofrimento mais intenso no luto quando comparado a outros que não estejam nesse contexto (Parkes, 2009).

Vale ressaltar que as perdas múltiplas não devem ser tomadas apenas sob uma perspectiva negativa, porquanto, além do fato de que implicam diversos processos de luto simultâneos para administrar, ensejam o aprendizado de como se lidar com elas, de forma que o sujeito pode suportar melhor a segunda perda, haja vista a experiência da primeira (Parkes, 2009).

Pensando na realidade dos idosos, pode-se dizer que essa faixa etária é a que probabilisticamente mais depara a realidade de perdas múltiplas:

Conforme envelhecemos, o número de funerais aos quais comparecemos começa a superar o número de casamentos a ponto de, entre aqueles que sobrevivem, a maioria das pessoas da mesma geração estar morta. Além disso, os idosos sofrem

muitas outras perdas físicas e psicológicas. Tais perdas múltiplas podem ter menos impacto porque eles as anteciparam e se prepararam para elas (Parkes, 2009, p. 161).

Outras variáveis do luto importantes são as circunstâncias sociais e psicológicas do enlutado, como a conjuntura residencial. Foi constatado que, em idosos enlutados que moram sozinhos, o índice de depressão é maior após a perda do que naqueles que residam acompanhados (Bowlby, 1993). As pesquisas de Parkes (2009), no entanto, os conduziram à conclusão de que a companhia não diminui a solidão expressa por aqueles que perderam o cônjuge, ainda que Bowlby (1993) acredite, com suporte no exame das “influências que operam num nível pessoal íntimo dentro da cultura mais ampla”, que existem “fortes evidências de que famílias, amigos e outros desempenham um papel destacado, seja ajudando no processo de luto, ou impedindo-o” (p. 201).

A atuação da mãe como suporte à viuvez dos filhos pode se configurar como meio facilitador ou complicador do luto, em razão de sua presença ou ausência (Bowlby, 1993). Assim, idosos viúvos que não contam com esse recurso como suporte podem atravessar o luto de modo mais sofrido.

O suporte de membros familiares e amigos tende a aliviar a solidão e a suprir a necessidade de apoio. Em idosos, a situação se torna mais delicada, pois geralmente os filhos saíram de casa e a falta de autonomia ensejada por questões físicas torna mais difíceis os relacionamentos sociais (Parkes, 2009).

Outro ponto que não se pode deixar de mencionar se refere à ambivalência e à dependência estabelecida na relação com o parceiro falecido, que pode apontar para lutos complicados (Parkes, 2009). Quanto maior o vínculo com a pessoa perdida, mais intenso o processo de luto. Nas palavras do autor, “problemas que acontecem após a perda do parceiro com frequência resultam de um relacionamento exclusivo, inseguro e mutuamente

dependente, que dá margem a altos níveis de ansiedade, pesar e solidão quando o parceiro morre” (Parkes, 2009, p. 311).

A solidão, muitas vezes, não se refere ao desejo de uma companhia qualquer, mas ao de estar com o cônjuge perdido (Parkes, 2009).

A perda é inevitável ao longo do envelhecimento e, com o avançar dos anos, ela se torna mais frequente na vida do sujeito. Feriancic (2013) observa que “A morte como perda deixa marcas mais profundas na memória do idoso. Em alguns casos, a morte do cônjuge é a perda mais significativa” (p. 228).

Perder alguém que se ama é doloroso em todas as fases da vida, como anota Peixeiro (2013, p. 71), para quem, “Em O Mal-estar na civilização (1929), Freud diz que a maior ameaça vivenciada pelo sujeito seria a possível perda do amor do outro, que o deixaria em profundo desamparo, desprotegido dos terrores do mundo”, e o luto que esse tipo de perda desencadeia é influenciado pela história de vida de cada pessoa. A bagagem de experiências que o enlutado carrega e a fase da vida em que se encontra afetam consideravelmente a elaboração da perda. Assim, a viuvez nos idosos possui características diferenciadas da viuvez em sujeitos mais jovens (Doll, 2007).

De maneira geral, acredita-se que, em razão à sabedoria e de à maturidade acumuladas com o passar dos anos, o luto é mais fácil de ser elaborado por pessoas mais velhas. Mesmo assim, para não se prender a perspectivas estigmatizadas e reducionistas do sujeito idoso, há que se considerar uma perspectiva mais ampla e dinâmica na qual o idoso enlutado se insere.

Idosos têm habilidades emocionais mais desenvolvidas, todavia, são mais vulneráveis social e fisicamente, de forma que a perda do cônjuge, para eles, atinge a dimensão de inúmeras perdas, não somente no que se refere à morte em si, mas também aos papéis sociais,

hábitos e propensões para associação com outras perdas simbólicas – da saúde, autonomia, juventude etc. (Doll, 2007).

Mesmo conscientes de que as perdas podem ocorrer em qualquer fase da vida do sujeito, sua frequência é diretamente proporcional ao avançar da idade (Concentino & Viana, 2011).

O luto, por causar sofrimento e estresse, enfraquece o sistema imunológico e dá azo ao surgimento de doenças de ordens diversas. Em razão da sua maior sensibilidade física para o desenvolvimento de doenças, a viuvez no idoso é vista como um grave fator de risco, como explica Parkes (1998, p. 16): “pessoa enlutada está em risco maior de falecer do que as pessoas não enlutadas . . . . O risco mais alto existe nas semanas e meses diretamente depois da perda, e homens parecem ser mais vulneráveis do que as mulheres”.

Outro fator interessante é que, ao deparar a morte de alguém próximo, o sujeito se dá conta da fragilidade da vida e se aflige ante sua condição finita. A morte do outro atua como espelho para que ele lide com a inevitabilidade de sua morte (Ariès, 1977).

Assim, a experiência da finitude como algo que lhe é possível situa a pessoa em xeque no que diz respeito à administração de seu tempo. Matos (2012) destaca um trecho de Sêneca, que diz: “Você conhece ao menos um homem que dê valor ao tempo, a um dia, que sabe que todos os dias ele morre um pouco?”(Matos, 2012, p. 59).

Quando o sujeito nega a sua finitude, perde a noção passageira do tempo, gastando-o de forma banal e vivendo como se fosse eterno. Seguindo essa lógica no entanto, a morte de alguém próximo, em geral, faz com que o sujeito repense sua maneira de lidar com o tempo.

A perda do cônjuge produz mudanças em diversos âmbitos da vida do sujeito. Aquele que costumava sair com o(a) companheiro(a) e outros casais, ao perdê-lo, muitas vezes, se

sente isolado e tende a se distanciar do grupo. A viuvez não diz respeito apenas à perda física do companheiro, mas também àquelas que perpassam a esfera da identidade (Hoonard, 2001).

Os conceitos de morte e envelhecimento estão diretamente relacionados a questões culturais. Essas concepções são unidas simbolicamente como reflexo de elaborações culturais da sociedade contemporânea (Concentino & Viana, 2011).

A perda do cônjuge é um marco na vida do sujeito e requer a adoção de estratégias de reorganização mental e emocional, pois consiste em mudança intensa que abala um cotidiano acomodado e inaugura outra experiência de falta, caracterizada por um rompimento social e cultural (Sousa & Baptista, 2013).

A perda afeta a maneira como os sujeitos fazem uso de seu tempo - aspecto importante no que diz respeito ao trabalho de reorganização da vida que a sucede - que, segundo Souza e Batista (2013),

[...] devem ter a oportunidade de transformar seus tempos livres em tempos de ócio, de transformar os seus tempos de tristeza, solidão e alienação em tempos de fomento de autonomia pessoal e de construção e desenvolvimento da própria identidade cultural e social (p. 230).

Percebe-se, na Contemporaneidade, a necessidade do homem de pensar seu papel no mundo, buscar o autoconhecimento e superar suas carências pessoais. O sujeito moderno pouco se conhece e tende a viver pelas aparências, escondendo seus sofrimentos e fraquezas. De acordo com Safatle (2012), não é possível ser bem-sucedido em processos de reconhecimento social sem confrontar “saldo patológico”. Experimentar o luto é, portanto, se reconhecer como alguém que sofre, frágil, e que necessita de algo.

A reorganização da vida após a perda e a capacidade de usar o tempo de maneira positiva para o luto irá variar de acordo com a história de vida de cada qual. Vários aspectos devem ser levados em consideração e cada caso demanda análises específicas, a depender, por exemplo, de o sujeito ter experimentado perdas de pessoas com as quais também mantinha forte vínculo, de o cônjuge ter falecido de maneira inesperada ou de ter sido possível elaborar o luto antecipatório durante o adoecimento (Kovács, 2010).

## **4 CAMINHO METODOLÓGICO**

Ao se constituir um percurso investigativo no âmbito de uma pesquisa, torna-se importante eleger uma estratégia metodológica adequada para o objeto de estudo (Richardson, 2008). Assim, com base nos objetivos desta investigação, foi realizada uma pesquisa qualitativa e exploratória, com enfoque etnográfico, realizada sob uma óptica descritiva.

### **4.1 Escolhas metodológicas**

Conduzida pela necessidade de cartografar as reconfigurações no tempo social do idoso advindas da morte do cônjuge, estabelecem-se um percurso metodológico orientado por uma abordagem qualitativa que, segundo Minayo (2012), se dedica a explorar o mundo dos significados, motivos e valores, crenças e atitudes, em razão de sua natureza focada na compreensão de fenômenos, ao contrário da pesquisa quantitativa, que visa a enumerar e mensurar os eventos.

Na abordagem qualitativa, como observa Turato (2003, p. 262), “A curiosidade e o empenho do pesquisador estão voltados para o processo definido como ato de proceder do objeto, quais são seus estados e mudanças e, sobretudo, qual é a maneira pela qual o objeto opera.” Complementando as referências acerca dessa linha de investigação, Liebscher (1998)

ressalta que se revela apropriada quando o fenômeno em estudo é complexo e de natureza social. Assim, normalmente, é utilizada quando o entendimento do contexto social e cultural é um elemento importante para a investigação: “Investigar qualitativamente é operar símbolos linguísticos e, assim, tentar reduzir a distância entre indicado e indicador, entre teoria e dados, entre contexto e ação” (Baztán & Martins, 2014, p. 15).

O aspecto da influência do social na elaboração das noções de idoso e tempo, bem como a posição esperada socialmente daquele que perde o cônjuge por morte, portanto, tornaram evidente a escolha da abordagem qualitativa.

Continuando-se o delineamento do percurso metodológico adotado nesta investigação, aponta-se o seu caráter descritivo, uma vez que objetivou descrever as características de um fenômeno e população, bem como a relação entre essas variáveis (Gil, 2006). A investigação descritiva é caracterizada “pela necessidade de se explorar uma situação não conhecida, da qual se tem necessidade de maiores informações” (Leopardi, Beck, Nietzsche, & Gonzales, 2002, p. 120).

Ainda em decorrência dessa necessidade, esta pesquisa se classifica também como exploratória, cujo objetivo, de acordo com Gil (2006, p. 45), consiste em “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis”.

Esta pesquisa também tem um enfoque etnográfico, o que permitiu maior aproximação do pesquisador com o fenômeno estudado, tornando possível uma coleta de dados mais contínua com os participantes. A perspectiva etnográfica estabelece como foco a identificação de comportamentos, questões sociais e psicológicas, bem como especificidades da vida dos pesquisados (Gil, 2006; Richardson, 2008).

O relato etnográfico foi utilizado para se compreender, *in loco*, as experiências dos idosos que perderam cônjuges por morte, contribuindo, assim, para a investigação de mapear as reconfigurações no tempo dos idosos advinda dessas experiências. Como observa Feriancic (2013, p. 231), “Muita coisa não é dita pela fala. A expressão do rosto, das mãos, do olhar, completam muitas histórias que são interrompidas quando a emoção machuca e a palavra não vem”.

A etnografia permite a imersão do pesquisador no contexto estudado, com o objetivo de identificar e investigar fenômenos. É bastante eficaz quando ele se encontra em uma situação nova. Nesse método, é necessário primeiramente conquistar a confiança dos colaboradores da pesquisa e, em seguida, acompanhá-los por longos períodos, fazendo observações detalhadas, atentando para comportamentos e hábitos, sem, no entanto, influenciar suas atividades.

Na perspectiva de Brandão (1981), o estudo etnográfico surge da necessidade de o pesquisador se transportar até o local da pesquisa. Elegeu-se, portanto, a busca de campo para a configuração deste trabalho, pois se reconhece que a análise de fenômenos relacionais como a perda e a utilização do tempo é de natureza complexa, fazendo-se necessária a sua exploração prática. A pesquisa de campo proporciona a aproximação do pesquisador do ambiente em que seu problema investigativo foi pensado, interagindo com os sujeitos que nele se inserem e permitindo a formulação de um conhecimento empírico (Minayo, 2012).

#### **4.2 Estratégias de investigação**

A coleta de dados seguiu a lógica de etapas. A primeira delas foi por via de uma pesquisa bibliográfica que propiciou a feitura da base teórica que envolve a temática. Em seguida, realizou-se a observação participante e, simultaneamente, conforme o vínculo estabelecido entre pesquisador e sujeitos, foram realizadas as entrevistas narrativas.

A pesquisa bibliográfica dedicou-se a explorar as elaborações teóricas, desde as mais clássicas até as mais atuais, que envolvem a temática focalizada. Foram eleitos teóricos que pudessem contribuir para a fazer o conteúdo teórico desta investigação. É interessante observar a condição essencial da formação de uma base teórica antes da experiência do campo, pois facilita os links entre a teoria-campo, reforçando o que outros autores já comprovaram ou os questionando.

A observação participante foi o momento mais delicado da pesquisa, haja vista que se teve de respeitar o tempo de cada sujeito e inserir-se de forma lenta e gradual em suas atividades. É uma fase que demanda muita sensibilidade do pesquisador, e bem assim delicadeza, para que o seu olhar não seja manipulado. O pesquisador/observador deve se permitir surpreender e deixar o sujeito à vontade, para que, aos poucos, ele abandone as resistências e se entregue à pesquisa.

Para dar início à inserção no campo, foi necessário pensar em algumas estratégias. A tática inicial para se selecionar os idosos participantes da pesquisa consistia em se eleger um local específico que recebesse idosos como campo. Ao se visitar, porém, diversas instituições da cidade de Fortaleza, percebeu-se que a maioria de seus internos era composta por idosos, sendo os sujeitos masculinos uma raridade nesses contextos. Tal fenômeno ilustra a “natureza inerente aos gêneros encontrada no trabalho de campo” (Adler & Adler, 1998, p.95).

Segundo pesquisa realizada por Borges, Bretas e Barbosa (2008), a maioria dos idosos participantes de grupos de convivência é do sexo feminino, viúva e integrante da faixa etária de 65 a 74 anos.

A maioria dos estudos envolvendo sujeitos que perderam seus cônjuges se desenvolve com um número muito maior de viúvas do que de viúvos. É lícito apontar como possíveis

causas dessa realidade o fato de que, em geral, os homens se relacionam com mais jovens companheiras e sua expectativa de vida é inferior à das mulheres.

De acordo com Bowlby (1993), o padrão de reação à perda do parceiro é semelhante em ambos os gêneros, no entanto, se identificam diferenças influenciadas pelas distinções culturais de gênero ocorrentes na cultura ocidental. Então, se reconheceu a relevância de se trabalhar com idosos enlutados de ambos os gêneros, optando-se por efetuar um levantamento de casos por meio do contato com pessoas que pudessem indicar os sujeitos que harmonizem ao perfil solicitado pelos critérios da pesquisa.

A especialização em Saúde do Idoso e a formulação da proposta de pesquisa de Mestrado possibilitaram maior contato com pessoas que trabalham diretamente ou têm contato frequente com idosos. Dessa forma, por meio da rede de contatos, foi possível obter as indicações necessárias. Esta estratégia se assemelha à técnica do “snowball” ou “bola de neve” (Sampieri, Fernandez-Collado e Lucio, 2008) na qual se parte de um colaborador inicial que indica novos colaboradores que estão em situações semelhantes a sua. Nesta pesquisa, as indicações partiram não somente dos colaboradores, mas também de outras pessoas que, apesar de não cumprirem os critérios de inclusão da pesquisa, conheciam pessoas que se adequavam e as indicaram.

Portanto, esta busca não estabeleceu um local exclusivo para o recrutamento dos participantes. Em casos de idosos que participam de algum grupo de convivência, foram necessárias visitas à instituição a fim de propiciar a atitude de Observação Participante indicada pela literatura, sendo entregue à instituição uma Carta de Apresentação (Apêndice D) e se havendo solicitado uma carta de anuência, declarando a ciência e autorização institucional, para que se realizasse a busca (Anexo B).

Foi definido como critério de inclusão dos colaboradores o seu enquadramento como idoso, assim considerados aqueles com idade igual ou superior a 60 anos, em conformidade com a Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003 (Estatuto do Idoso) e a realidade brasileira de País em desenvolvimento. A pesquisa contou com seis participantes de ambos os gêneros (quatro mulheres e dois homens) que registaram o tempo de, no mínimo, um ano desde a perda de seu cônjuge.

Delimitou-se o tempo mínimo de um ano de luto, por se caracterizar pela possibilidade que exprime ao idoso de iniciar a fase de reorganização de sua vida visto que nesse período as primeiras datas importantes do ano também são vivenciadas sem o falecido (primeiro Natal, aniversário, dia de finados etc.). Estudos mostram que o primeiro ano é marcado por maior risco, inclusive de morte (Bromberg, 2000).

Na fase de reorganização, o sujeito se encontra em decurso de aceitação da realidade da perda e de organização de uma vida que deve ser recomeçada (Kóvacs, 2010).

### **4.3 Relato etnográfico**

A Etnografia permite que se obtenha uma visão do fenômeno mais voltada para a perspectiva do pesquisador, sendo possível mediante a técnica da observação participante. Essa técnica promove a observação de situações que os colaboradores vivenciam cotidianamente, permitindo a percepção de seus comportamentos no âmbito dessas experiências (Gil, 2006; Richardson, 2008).

A confiabilidade das informações coletadas é assegurada por meio da observação detalhada e atenta, que permite a realização de comparações entre o que os colaboradores da pesquisa dizem e pensam, e o que fazem (Gil, 2006).

Para fins de registro, foi utilizado o recurso do diário de campo, instrumento relevante tanto para a Etnografia, quanto para a análise e discussão dos dados. No diário de campo, foram relatadas as experiências e percepções havidas durante a observação participante.

O encontro inicial objetivou expor brevemente aos idosos a proposta da pesquisa e realizar o convite para participação. Ao aceitar participar da investigação, ainda no primeiro contato, foi feito o agendamento do encontro seguinte com a definição de local, data e horário, bem como o preenchimento da Ficha do Colaborador (Apêndice A), solicitando seus principais dados. É importante registrar o fato de que o local de realização das entrevistas foi escolhido pelo próprio idoso, respeitando sua comodidade e preferência.

Para demonstrar didaticamente as características dos sujeitos observados, segue um quadro constando o perfil sociodemográfico dos idosos que participaram da pesquisa, constando idade, tempo de luto, escolaridade, número de filhos e origem da indicação do idoso.

Essa organização permite a melhor visualização dos sujeitos que colaboraram com a pesquisa e prepara o leitor para o momento posterior de apreciação dos dados apreendidos de cada idoso, separadamente, durante o processo de campo.

Nome	Idade	Tempo de luto	Escolaridade	Número de filhos	Fonte da indicação
Aurora	93 anos	19 anos	Ensino médio completo	11	PAI
Lúcia	68 anos	2 anos	Superior completo	3	PAI
Olívia	76 anos	15 anos	Ensino médio completo	6	Profissional que atende o idoso
Amélia	74 anos	2 anos	Superior completo	3	Amigo do idoso
Heitor	70 anos	7 anos	Superior completo	2	Amigo do idoso
Luís	89 anos	10 anos	Ensino médio completo	4	Amigo do idoso

**QUADRO 1**

Perfil Sociodemográfico dos Sujeitos Participantes da Pesquisa.

Fonte: Arquivo da pesquisa

No que se refere à fonte da indicação, é possível destacar o fato de que dois deles foram indicados pelo PAI (Programa de ação integrada para o aposentado), instituição vinculada ao Governo do Estado do Ceará que oferece cursos e atividades de socialização a idosos, um dos colaboradores foi indicado por um profissional que o atende e três idosos apontados por amigos que tomaram conhecimento da pesquisa.

Posteriormente, na seção destinada a apresentação dos resultados, discorrer-se-á sobre o processo etnográfico propiciado pela observação participante, onde se expõem as considerações sobre os sujeitos pesquisados e contato com cada um deles.

#### **4.4 Procedimento e elaboração de categorias com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo**

Os dados coletados das entrevistas narrativas foram organizados em categorias estabelecidas com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo.

As entrevistas narrativas foram realizadas com a finalidade de promover a aproximação do ponto de vista do sujeito pesquisado, dando voz a esse sujeito que vive e sente: as narrativas “permitem ao pesquisador abordar o mundo experimental do entrevistado” (Flick, 2008, p. 109).

As entrevistas foram realizadas nos locais de preferência dos idosos, haja vista a importância de se sentirem à vontade para falar sobre questões de caráter emocional. Teve-se o cuidado de buscar ambientes que propiciavam uma atmosfera de acolhimento e de tranquilidade, livre de interrupções, para que o idoso pudesse se expressar no seu ritmo.

Antes do início de cada entrevista, foram procedidas à leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B) e esclarecidas as dúvidas.

O procedimento seguinte consistiu na condução da entrevista narrativa, que, por sua vez, não marcou nenhuma limitação de tempo, de modo que o informante tinha toda a liberdade para expor sentimentos e emoções no ritmo que lhe era mais conveniente. As entrevistas foram gravadas para transcrição posterior, no intuito de tornar mais eficaz a análise dos dados, garantindo-se, contudo, o manejo ético e sigiloso das informações.

É importante ressaltar que, no início da entrevista, o entrevistado foi esclarecido acerca do intuito da atividade, bem como da importância do detalhamento e expressão das suas experiências.

A escolha da técnica da entrevista para a coleta dos dados foi feita com base no reconhecimento da linguagem como expediente eficaz por excelência na transmissão de situações vividas. Acredita-se, também, que os idosos podem se colocar de forma mais livre quando questionados individualmente, haja vista que o tema do luto é essencialmente um assunto que envolve sentimentos e, sobretudo, sofrimento. Nesse sentido, Feriencic (2013, p. 231) observa que “Falar de reminiscências é difícil. Evoca recordações nem sempre prazerosas. Não é fácil falar de si mesmo. É um momento em que as lembranças, assim como os significados que são atribuídos a elas, podem ser revistas, lembradas, ressignificadas.”.

Schultze (1987), idealizador dessa categoria de entrevista, elaborou essa técnica de coleta de dados, partindo do princípio de que a narração promove de modo mais eficaz a reprodução de detalhes subjetivos, permitindo que o entrevistador perceba mais claramente as lógicas que estruturam as ações do sujeito.

As entrevistas narrativas são caracterizadas por juntar perguntas subjetivas e abertas que permitem ao sujeito relatar opiniões e pensamentos. Esse tipo de entrevista confere ao entrevistado liberdade para destacar aquilo que julga importante acerca do tema questionado. Não há preocupação com o tempo da entrevista, tampouco com interrupções do entrevistador. O sujeito entrevistado pode expor sua história, integrando os elementos que julga necessário explorar (Jovchelovich & Bauer, 2002).

Inicialmente, os entrevistados foram indagados acerca de aspectos objetivos de sua vida, a exemplo de suas características físicas e econômicas e dados pessoais. Após o primeiro momento, partiu-se para as perguntas subjetivas que se relacionam propriamente com o que se intenta investigar. As entrevistas tiveram como base questões norteadoras da pesquisa (Apêndice C) e se realizaram, privativamente, a fim de se manter um padrão analítico. As questões gerativas narrativas têm por finalidade promover a formulação da narrativa principal do entrevistado (Flick, 2008).

Ao longo das entrevistas, estimulou-se o idoso a falar sobre sua história de vida, seu relacionamento com o cônjuge, a perda e a utilização do tempo antes e após a perda, conferindo ênfase às experiências mais marcantes, sobretudo, no período logo após a perda. Depois desse estímulo inicial, o entrevistado pôde falar livremente sobre o tema, constituindo sua narrativa principal. Em seguida, quando necessário, foram utilizadas as questões norteadoras a fim de se complementarem os dados não abordados nessa narrativa.

[...] o entrevistador, na qualidade de ouvinte, deve sinalizar( por exemplo, reforçando “hums”) sua empatia com a história narrada e a perspectiva do narrador, e indicar que está tentando entendê-la. Desse modo, ele auxiliar e estimula o narrador a continuar sua narrativa até o final (Flick,2008, p.111).

A compreensão da história de vida dos idosos com base no relacionamento com o cônjuge perdido e com origem na aplicação das entrevistas conta com outros recursos, como a história de vida, que, como observa Narita (2006),

[...] permite acesso a conteúdos profundos do indivíduo . . . . Por meio da história de vida do indivíduo, podemos conhecer a história do tempo e do espaço em que ele vive. As histórias política, econômica, social e cultural aparecem de alguma maneira nas histórias de vidas, em forma de perdas, angústias, conquistas, esperanças.

As histórias de vida acerta compreender os sujeitos por meio da relação que estabelecem com o mundo, dos pontos de vista histórico, político, cultural e psicológico. A perspectiva individual torna possível o conhecimento do grupo no qual o sujeito está inserido. Portanto, a história do sujeito provoca a emergência da história do tempo do mundo, do tempo histórico no qual ele vive (Narita, 2006).

A análise dos dados foi feita com base em categorias encontradas pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (Lèfevre & Lèfevre, 2010). A categorização foi realizada com suporte na transcrição das entrevistas e, posteriormente, da sua leitura profunda.

A transcrição das entrevistas foi feita na íntegra, atentando para as palavras utilizadas, tom de voz, formas de expressão e manifestações de emoção, para garantir a fidelidade diante do sentido atribuído pelo idoso entrevistado. Evidencia-se a importância da fase da transcrição que, muitas vezes, recebe erroneamente uma conotação de trabalho mecânico e sem sentido, mas que, pela experiência que se adquiriu nesta pesquisa, possibilitou uma volta ao momento da entrevista, permitindo reviver-se o encontro e atentar-se para possibilidades que o primeiro contato mascarou.

Ao ler-se as transcrições em profundidade, foi possível identificar os operadores do DSC de acordo com os criadores do método, Lèfevre & Lèfevre (2005): Expressões-chave( ECh), sentenças que melhor descrevem o conteúdo da narrativa; Ideias centrais (ICs), elaborações sintéticas que denotam os significados das respostas narradas; e Ancoragens (ACs), caracterizadas por descreverem valores e crenças.

Consistiu em “(...) analisar o material verbal coletado, extraindo-se, de cada um dos depoimentos, as ideias centrais e/ou ancoragens e suas correspondentes expressões-chave” (Lèfevre & Lèfevre, 2005, p. 16).

Após a identificação das Expressões-chave( ECh), Ideias centrais (ICs) e Ancoragens (ACs), optou-se, para fins didáticos, por agrupá-las, de acordo com as semelhanças, em categorias (Lefevre & Lefevre, 2010). Essa fase da análise se torna fundamental, pois é nela que os trechos mais significativos são destacados com apoio eles, surgem as categorias (Gomes,2003).

A formação das categorias desta pesquisa não teve nenhuma categorização predefinida, de forma que foram delineadas com suporte nas informações suscitadas nas entrevistas narrativas.

#### **4.5 Aspectos éticos da pesquisa**

Esta pesquisa possui registro junto ao Comitê de Ética em Pesquisa/Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade de Fortaleza (COÉTICA) sob o número 957.864, aprovado em 12/02/2015 (Anexo C).

A estrutura ética é fundamentada na Resolução nº 466, do Conselho Nacional de Saúde (CNS), de 12 de dezembro de 2012. Assim, após o esclarecimento da proposta de pesquisa, os colaboradores assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

(Apêndice B), que autoriza a utilização dos dados coletados na elaboração do trabalho. Solicitou-se, também, a autorização do uso de gravador na fase das entrevistas. Assegurou-se a preservação da identidade dos idosos que concordaram em contribuir com o processo, não somente no que diz respeito ao nome, mas também no que se refere a qualquer informação que permita sua identificação.

Ao se considerar que a pesquisa convoca os sujeitos a falar sobre processos que, em geral, evocam sentimentos dolorosos, provocando a emergência de expressões até então “adormecidas”, os idosos foram acompanhados durante todo o processo de pesquisa e até mesmo logo após o encerramento da investigação.

Isso implicou a necessidade de se observar as condições emocionais do participante durante a entrevista, buscando identificar vulnerabilidades, como aspectos depressivos e melancólicos, bem como outros tipos de sintomatologias, visto que “se sabe que o processo de luto normal na terceira idade está associado com um impacto negativo para diversos aspectos da saúde” (Trentini, Werlang, Xavier, & Argimon, 2009, p. 236).

Barbieri (2013, p. 86) corrobora esta asserção explicando que

O sofrimento envolvido no luto pode ser insuportável, de tal forma que o sujeito [nessa situação] se encaminha para um desligamento e um desinvestimento das coisas, do mundo, das pessoas e de si mesmo. Tudo isso fica acirrado na contemporaneidade, na qual, independentemente de questões estruturais de cada sujeito, os espaços de partilha da dor e das perdas são escassos e esvaziados.

Dessa forma, em razão do seu caráter subjetivo, a entrevista, em geral, funcionou para os participantes como meio terapêutico de elaboração do luto, à medida que se abriu um

espaço para se falar sobre o tema e o sujeito foi convocado a se reportar a ele. Essa dinâmica pode ser ilustrada nos ensinamentos de Feriancic (2013, p. 231):

Os relatos trazem um benefício para a pessoa idosa, pois ao falar, ao tornar suas histórias públicas, acabam conhecendo um pouco mais de si. Mas nem sempre isso é satisfatório. As histórias, palavras de transmissão e preservação de um passado vivido e reconstruído no presente, servem de eco para pedidos ocultos, reafirmações dos desejos ou explicação das angústias, e precisam ser ouvidas além da entrevista.

Em razão disso, em situações de risco, havia a estratégia de encaminhar o idoso para o Plantão Psicológico especializado em contextos de luto realizado pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA – contato: 3477.3644), oferecido pelo Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) localizado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) – rua Desembargador Floriano Benevides, 221, Edson Queiroz – Profissional responsável pelo serviço: Giselle Maranhão Sucupira Mesquita- CRP:11/03140 - a fim de obter o suporte necessário eficaz (Anexo A). Em situações que apontassem a pessoa como sem condições de entrar em contato com a perda e tudo o que a ela se relacionava, ela seria dispensada da participação na pesquisa. Vale ressaltar que não foi necessário encaminhar nenhum participante da pesquisa para o serviço.

## **5 APRECIACÕES SOBRE O CAMPO**

A análise dos dados foi realizada por meio do relato etnográfico, com os dados coletados pela observação participante, e da elaboração e análise de categorias estruturadas com base no método do Discurso do Sujeito Coletivo, para a apreciação dos dados recolhidos das entrevistas narrativas.

Esta seção foi didaticamente dividida em três momentos. No primeiro, consta a análise do relato etnográfico, a seguinte narra o procedimento e a elaboração das categorias

com base no Discurso do Sujeito Coletivo, levando ao último momento, que privilegia a análise das categorias.

### **5.1 Apontamentos baseados no relato etnográfico**

A escolha da descrição etnográfica propiciou o estabelecimento de links entre as formulações teóricas sobre a temática e as observações práticas, permitindo a compreensão mais profunda sobre o tema, reforçando, questionando e detectando movimentos de mudanças nessas teorias. Essa dinâmica foi importante para o estudo da temática do tempo e do envelhecimento, uma vez que são temas a trazerem angústia para a pessoa e para a ciência, pois são fenômenos que fogem do controle da vida.

No relato etnográfico, as fases de coleta e de análise de dados são procedimentos muito próximos e, muitas vezes, acontecem de forma simultânea, de maneira que, à medida que os dados são coletados no campo, são constantemente analisados. Essa simultaneidade permite que o pesquisador se envolva mais profundamente no conjunto de atos de pesquisar, pois, à medida que o campo entra no contexto da pesquisa, ele “fala” e diversas reflexões são postas ao pesquisador a respeito da realidade investigativa.

Antes de entrar no campo, diversas estratégias foram criadas a fim de sanar a ansiedade que a inserção no campo causava, tendo-se a busca dos sujeitos como preocupação maior.

A ideia inicial da pesquisa era definir apenas uma instituição que desenvolvesse trabalhos destinados a idosos e nela encontrar todos os sujeitos, mas logo se percebeu que não se pode e não se deve tentar controlar o campo e, assim, foi-se adequando a ele.

A pesquisa teórica que antecedeu o campo trouxe a intenção de se ter contato com idosos de ambos os gêneros a fim de se perceber a dinâmica constituída no contexto da perda e do tempo vinculada às relações de gênero.

Como leciona Camarano (2003), a viuvez é um estado conjugal predominante entre as idosas, seguido das casadas; já os homens eram predominantemente casados, apresentando uma minoria de viúvos. Ainda segundo o autor, as diferenças quanto ao gênero decorrem da longevidade das idosas e da questão cultural de busca de outros casamentos após a viuvez em idosos do gênero masculino.

No contexto contemporâneo do número significativamente maior de viúvas (WHO, 2005), nos contatos iniciais com os possíveis campos, pôde-se constatar na prática acerca da dificuldade de encontrar viúvos nas instituições de socialização destinadas a idosos, havendo o público quase exclusivamente feminino.

Algo que se considerou agravante desta dificuldade foi a formulação social machista, em curso no Nordeste brasileiro, de que o homem deve ser forte e autossuficiente, não encontrando espaço para expor suas fragilidades, nem *locus* para busca de ajuda. Essa concepção deixou de ser hipótese, quando foi confirmada na prática nas entrevistas realizadas com os dois idosos viúvos, pois ambos, diferentemente das mulheres, apresentaram mais receio de expor seus sentimentos e vivências ante a experiência da perda. Foi preciso imprimir mais dedicação na confiança e empatia, a fim de que eles pudessem se entregar ao processo de entrar em contato.

Vale ressaltar que a posição da mulher como entrevistadora também fez como que os idosos tivessem receio de expor suas fragilidades. O desenrolar da pesquisa foi mais delicado, mas se percebeu que, ao adquirir a confiança, eles encontraram nas entrevistas um espaço

raro de acolhimento e segurança, de forma que as entrevistas com os idosos, em geral, foram mais carregadas de emoção do que aquelas com as mulheres.

Dessa forma, optou-se por não definir uma instituição exclusiva para a realização da pesquisa, mas fazer um levantamento de indicações de idosos(as) viúvos(as) realizadas por profissionais, amigos, familiares e pelos próprios colaboradores.

Com essa nova estratégia, foi possível observar e entrevistar seis idosos de ambos os gêneros (quatro mulheres e dois homens) que correspondiam critérios de inclusão da pesquisa, ou seja, já eram idosos na circunstância da perda do cônjuge e já havia mais de um ano de luto proveniente dessa perda.

Para demonstrar didaticamente as características dos sujeitos observados, segue um quadro constando o perfil sociodemográfico dos idosos que participaram da pesquisa, constando idade, tempo de luto, escolaridade, número de filhos e origem da indicação do idoso.

## **5.2 Os sujeitos da pesquisa**

As informações apresentadas a seguir são provenientes do próprio sujeito e das observações coletadas. Cada qual expressa características subjetivas e, por isso, julga-se importante que sejam mostradas separadamente. Utilizaram-se nomes fictícios a fim de preservar o sigilo de acordo com os princípios éticos que regem pesquisas com seres humanos.

É importante esclarecer que alguns dos sujeitos que participaram da pesquisa foram indicados por pessoas que tomaram conhecimento da pesquisa e indicaram os participantes, e outros foram apontadas pelo PAI (Programa de Ação Integrada para o Idoso), instituição

localizada na cidade de Fortaleza, que desenvolve trabalhos de educação e socialização destinada a idosos.



*FIGURA 1*

*Foto ilustrativa do PAI*

Fonte: <http://www2.seplag.ce.gov.br/content/aplicacao/SEAD/pai/gerados/pai.asp>

O PAI é gerenciado pela SEPLAG (Secretaria do Planejamento e Gestão) e vinculada ao Governo do Estado do Ceará. Foi criado em novembro de 1990 pelo Decreto número 21.088 e, desde então, oferece atividades que “possibilitam ao aposentado o exercício de suas potencialidades nas áreas de capacitação, desenvolvimento biopsicossocial, inclusão digital e empreendedorismo”. O PAI oferece cursos de áreas diversas como: Dança de Salão, Filosofia, Informática, Desenho Artístico, Pintura em Tecido, Inglês, etc. A participação nos cursos requer o pagamento de uma mensalidade que varia de 30 a 80 reais. A instituição também oferece sistematicamente aos seus usuários passeios e festas temáticas a fim de promover sua socialização.

Antes do início da pesquisa, a instituição recebeu uma carta de apresentação (Apêndice D), relatando os objetivos da pesquisa e solicitando a permissão institucional para o desenvolvimento das atividades de campo. Foi concedido o espaço para a realização da pesquisa, em atendimento a uma Carta de anuência (Anexo B).



**FIGURA 2**

*Registro de atividade de dança promovida pelo PAI*

Fonte: [http://www2.seplag.ce.gov.br/content/aplicacao/SEAD/pai/gerados/atividades\\_em\\_desenvolvimento.asp](http://www2.seplag.ce.gov.br/content/aplicacao/SEAD/pai/gerados/atividades_em_desenvolvimento.asp)

Após estes esclarecimentos, inicia-se na sequência a apresentação dos participantes da pesquisa por meio das informações gerais e das observações realizadas no campo.

#### **a) A destemida Aurora**

##### **Informações gerais**

Idade	93 anos
Profissão	Costureira aposentada
Tempo de luto	19 anos
Escolaridade	Médio completo
Estado civil	Viúva
Número de filhos	11

**QUADRO 2**

Dados pessoais - Aurora

Fonte: Arquivo da pesquisa

##### **Observações de campo**

O primeiro contato aconteceu no Programa de Ação Integrada para o aposentado (PAI). Aurora estava esperando sua aula de “Ginástica cerebral”. Fui apresentada por uma

funcionária da instituição e muito bem acolhida pela idosa, que, bastante simpática, rapidamente aceitou participar da pesquisa, relatando já ter contribuído para outros estudos. Conversamos um pouco mais sobre a pesquisa, esclareci algumas dúvidas, lemos juntas o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o assinamos em seguida.

Ao final da conversa, Aurora me convidou para realizar nosso próximo encontro na casa de sua filha. Disse que estava passando um tempo lá em virtude de uma cirurgia simples na mão direita que, por sinal, estava imobilizada, mas isso não parecia afetar a idosa. Ela disse que mora em um prédio em frente ao da filha, mas, em razão dos cuidados da cirurgia, preferiu ficar na casa da filha e também por insistência desta.

Com já exposto, Aurora estava com o braço enfaixado, mas não aparentava abatimento. Enquanto conversávamos, ela acenava sempre sorridente para os conhecidos que por ali passavam. Assim, agendamos o encontro seguinte, nos despedimos e Aurora foi assistir a sua aula de “Ginástica cerebral”.

O segundo encontro foi na casa da filha da idosa. Aurora já me esperava na sala quando cheguei. Mostrou a casa, apresentou a filha e os netos, sempre muito orgulhosa. Tanto a filha como os netos demonstraram muito carinho por Aurora, tanto com beijos e abraços, como atribuindo atenção a tudo o que ela falava.

De acordo com a filha da idosa, Aurora antes da morte do marido, era uma verdadeira “general”, era durona. Após o falecimento dele, no entanto, ficou mais carinhosa, abraçando e beijando mais. Ainda segundo a filha, o marido de Aurora era muito ciumento, não deixando ela sair de casa, apenas para ocasiões especiais, sempre acompanhada por ele ou pelos filhos. Depois que o marido faleceu, segundo a filha, “ela desabrochou” e foi desfrutar de tudo o que o marido não permitia. Vale ressaltar que, enquanto a filha falava, Aurora confirmada seu discurso, risonha.

Aurora, ao final do encontro, mostrou fotos de seus amigos do PAI, mas não mostrou nenhuma foto do marido; contudo, a idosa se emocionou ao final do encontro, dizendo que tem dias que sente muita saudade do marido; em alguns dias pensa mais nele; outros menos.

## **b) A dinâmica Lúcia**

### **Informações gerais**

Idade	68 anos
Profissão	Professora aposentada
Tempo de luto	2 anos
Escolaridade	Superior completo
Estado civil	Viúva
Número de filhos	3 (2 homens e 1 mulher)

#### **QUADRO 3**

Dados pessoais - Lúcia

Fonte: Arquivo da pesquisa

### **Observações de campo**

A idosa foi indicada pelo PAI. A funcionária da Instituição indicou os dias e horários em que Lúcia participa de atividades no PAI. Tive o primeiro encontro com Lúcia após sua aula da dança de salão. Observei toda a aula, que, por sua vez, era aberta ao público, e Lúcia buscava realizar os momentos com precisão, demonstrando levar a aula com muita seriedade, sempre atenta ao professor. A aula era marcada por muitas risadas de membros de uma turma numerosa.

Após a aula, abordei Lúcia para uma conversa, me apresentando. Ela aceitou de imediato o convite, mas disse que teria que ser rápido, pois só tinha 20 minutos de intervalo até a aula de computação, ressaltando logo que não poderia faltar, pois as provas estavam se aproximando. Eu disse que “tudo bem”. Aproveitei o intervalo e apresentei a pesquisa, abri

espaço para dúvidas e fiz o convite. Ela aceitou, lemos juntas o TCLE e, em seguida, assinamos. Ainda no primeiro encontro, marcamos o dia da entrevista na semana seguinte, antes de sua aula de dança. Ela pediu que a entrevista acontecesse no PAI, pois achou mais prático.

É importante relatar que o PAI ofereceu uma sala de atendimento para a realização das entrevistas. A sala tinha acústica isolada e era reservada exclusivamente para as entrevistas, garantindo privacidade e sigilo.

No segundo encontro, Lúcia já parecia mais à vontade. Chegou um pouco atrasada, com roupas de ginástica, dizendo que havia feito o percurso de sua casa até o PAI a pé, relatando, com tom de orgulho, sua desenvoltura. Disse que gosta de fazer suas caminhadas e andar a pé em percursos curtos, como até o PAI e até a igreja.

Durante a entrevista, Lúcia parecia estar revivendo momentos importantes para ela, de forma que, em sua fala, ela reproduzia os discursos dos diálogos e se emocionava com isso.

### c) A mística Olívia

#### Informações gerais

Idade	76 anos
Profissão	Coordenadora de Departamento Pessoal aposentada
Tempo de luto	15 anos
Escolaridade	Médio Completo
Estado civil	Viúva
Número de filhos	6

QUADRO 4

Dados pessoais - Olívia

Fonte: Arquivo da pesquisa

### Observações de campo

Encontrei Olívia no PAI. Ela havia assistido à aula pela manhã e almoçado na instituição com algumas amigas, me recebendo após um breve descanso pós-almoço. Fui apresentada por uma funcionária da Instituição, Falamos sobre a pesquisa e ela tirou dúvidas, lemos o TCLE, o assinamos juntas. Marcamos um encontro na semana seguinte na própria instituição.

No segundo encontro, Olívia já me aguardava, mostrando-se tranquila e simpática. Disse logo que o filho iria pegá-la no fim do dia e que não poderíamos nos exceder com o tempo. Olívia estava à vontade e já começou a falar sobre o assunto da pesquisa, sem rodeios

#### d) A frágil Amélia

##### Informações gerais

Idade	74 anos
Profissão	Farmacêutica aposentada
Tempo de luto	2 anos
Escolaridade	Superior completo
Estado civil	Viúva
Número de filhos	3

QUADRO 5

Dados pessoais - Amélia

Fonte: Arquivo da pesquisa

### Observações de campo

O primeiro contato foi feito ao telefone. Identifiquei-me com base na pessoa que havia indicado a idosa e marcamos um encontro para que eu pudesse explicar a pesquisa. Marcamos na casa da própria idosa. Havia sugerido uma tarde durante a semana, a ligação foi

feita em uma quinta-feira e provavelmente o primeiro encontro presencial seria na semana seguinte, mas Amélia sugeriu o sábado, alegando que não tinha nenhuma atividade marcada, insistindo. Percebi um tom de carência em sua voz, como se desejasse alguém para conversar em um sábado à tarde: “Venha, minha filha! Não tenho nada pra fazer...”. Depois pude constatar que a idosa conta com um ciclo social restrito, não gozando de muitas companhias no seu dia a dia.

Quando cheguei à sua casa, fui recebida com muita simpatia. A idosa demorou um pouco para abrir a porta e tive que tocar a campainha algumas vezes. Depois pude constatar que a demora ocorreu devido a sua dificuldade de locomoção. A idosa caminhava devagar em razão da dor nas pernas. Sentamo-nos uma de frente para outra em um local eleito por ela e conversamos sobre a pesquisa. Ela tirou as dúvidas, mas parecia ansiosa pra conversar sobre o tema da perda. Assinamos juntas o TCLE.

A casa era tranquila, grande e tinha vários cães transitando livremente pelos cômodos. Uma senhora passou perto de onde estávamos e nos cumprimentou. Era a senhora que ajudava Amélia nas atividades domésticas, visivelmente mais jovem do que Amélia, mas também idosa.

Marcamos um novo encontro para a realização da entrevista, também em um dia de sábado, a pedido de Amélia. Sentamos-nos no mesmo lugar do encontro anterior e conversamos por várias horas. No início, estavam somente Amélia e sua secretária em casa, mas, assim que terminamos a entrevista, chegaram seu neto, amigos do neto, genro e outras pessoas, de forma que o espaço em que estávamos ficou lotado. Amélia parecia satisfeita com a movimentação, apesar de que as pessoas não interagiam muito com ela. Nesse contexto, nos despedimos.

A idosa faz parte de um grupo de artesanato que se encontra sistematicamente para fabricar produtos artesanais. A varanda da sala é repleta de materiais de artesanato. Ela disse que se encontra sistematicamente com o grupo para reuniões e confraternizações.

Amélia relatou algumas situações quando o gravador não estava mais ligado. Um dos casos foi quando teve relações sexuais com um “amigo”, também idoso, em uma ida ao motel. “Eu disse que não ia tirar a roupa, porque eu tive um câncer e tive que tirar uma mama”. Disse que aconteceu apenas uma vez, mas que ela liga todos os dias para ele e, quando liga, ele é muito atencioso.

Percebe-se uma necessidade de vingar uma traição do marido e profunda carência afetiva. “É que eu sou muito carente e ele conversa muito comigo”. Pelo discurso, Amélia controla muito a rotina desse homem, vê o que ele come, atividade física, pede pra ele avisar pra onde vai, pra onde viaja; trata-o como se este fosse seu marido.

Amélia precisa fazer uma cirurgia na coluna chamada “Bloqueio”, mas ela está resistente. Disse que já fez muitas cirurgias na vida e que não aguenta mais. O problema na coluna dificulta sua locomoção e, conseqüentemente, autonomia de maneira que já não pode dirigir.

Amélia costuma ir à Brasília frequentemente, onde seu filho mora, para visitá-lo. Contou sobre um flerte que teve em Brasília, contando os detalhes da paquera com um viúvo. Segundo Amélia, ele disse para ela não se iludir, pois ele gosta de ser livre e não aprecia dar satisfação pra ninguém. Ela afirma que a relação não daria certo: “Eu sou muito pegajosa”.

### e) O sensível Heitor

#### Informações gerais

Idade	70 anos
Profissão	Professor de Português aposentado
Tempo de luto	7 anos
Escolaridade	Superior completo
Estado civil	Viúvo
Número de filhos	2 (filhas apenas)

#### QUADRO 6

Dados pessoais - Heitor

Fonte: Arquivo da pesquisa

#### Observações de campo

Entrei em contato com Heitor pelo seu telefone celular, cedido pela pessoa que o indicou. Conversamos e marcamos o primeiro encontro na casa do próprio idoso.

Heitor é professor aposentado e atualmente trabalha de forma autônoma, vendendo carros. A função permite que ele seja ativo/produtivo e garante contato com pessoas. No dia da entrevista ele se atrasou, pois estava resolvendo pendência no Detran (Departamento Estadual de Trânsito). Relatou que gosta de manter o dia cheio de atividades.

O idoso é ministro da Eucaristia (igreja católica), onde desempenha funções frequentes em uma paróquia. A mesma função era compartilhada com a esposa falecida de maneira que os dois sempre trabalhavam juntos nessa função. Após a morte dela, o idoso continua desempenhando essa função, apesar de sentir falta da esposa como sua companheira de Ministério.

Heitor reside com a filha mais jovem no mesmo apartamento onde morava quando a sua mulher era viva. Diversas fotos da falecida decoram o interior da casa.

Ele comentou que a filha mais jovem é professora de inglês e que, em breve, vai morar nos Estados Unidos. Informalmente, comentou que não se incomoda em ficar sozinho, pois a filha deve aproveitar a oportunidade e buscar crescer profissionalmente. Durante esse discurso, percebi a necessidade dele de se convencer de que é o melhor a se fazer: incentivar a filha, mas há uma certa negação e dificuldade de assumir que vai sentir falta e vai sofrer.

Como confirmado posteriormente na entrevista, foi possível perceber o discurso e a atitude do idoso de poupar aqueles que ama e direcionar a carga emocional toda para si. A família tem, no apartamento, um cachorro que está com a família desde antes do falecimento da esposa, sendo cuidado com carinho pelo idoso e pela filha.

## f) O objetivo Luís

### Informações gerais

Idade	89 anos
Profissão	Caixa aposentado do Banco do Brasil
Tempo de luto	10 anos
Escolaridade	Médio completo
Estado civil	Viúvo
Número de filhos	4

#### QUADRO 7

Dados pessoais – Luís

Fonte: Arquivo da pesquisa

### Observações de campo

O contato inicial foi feito com a filha do idoso, pois a pessoa que o indicou tinha apenas o contato da filha. Quando liguei, ela informou que o idoso já estava ciente do convite e que eu poderia o encontrar na sua casa.

Quando cheguei à casa do idoso, interfonei para que a portaria liberasse minha entrada. O condomínio é composto por dois prédios e, durante o trajeto, me perdi e demorei um pouco para encontrar o apartamento do idoso. Quando cheguei, Luís estava na porta me aguardando, ansioso: “Se perdeu? Foi no outro prédio?”, Eu disse que sim e entramos. Logo no início, percebi ansiedade no comportamento de Luís, mas, aos poucos, essa ansiedade foi diminuindo, mas acompanhou o idoso em todo o processo. Depois compreendi que a ansiedade é algo que acompanha o idoso, não sendo algo causado pela pesquisa.

Assim que entrei, ele me acomodou em uma cadeira e pediu licença por alguns minutos. Enquanto aguardava o idoso para nosso primeiro contato pessoal, a filha mais nova me procurou para fazer alguns comentários: Luís passou a morar com essa filha após a morte da esposa, passou um ano morando sozinho e depois se mudou para a casa da filha, onde mora há nove anos.

Segundo a filha, o pai tem TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo) e muitas vezes o quadro incomoda os familiares que convivem com ele e o próprio idoso (como ele relatou e confirmou na entrevista). O TOC, segundo o idoso, não surgiu com a idade, nem após a perda, é um quadro que o acompanha desde a infância.

Luís se mostrou sempre ansioso, apesar de tímido. No dia da entrevista, confirmou a timidez e a objetividade, de forma que tive que instigar mais o uso das palavras.

Falava pouco, gostava de responder rápido sem muitos detalhes e percebi que o “falar pouco” é algo da personalidade do idoso e que ele estava à vontade com a conversa, apenas

não tem o hábito de falar muito. Percebi isso quando a filha apareceu na sala e começou a falar, pois ela dominou a conversa, de forma que Luís falava apenas palavras soltas ou frases curtas.

No dia do primeiro contato, pude perceber características da moradia do idoso e do ambiente familiar. O apartamento bem ventilado, iluminado, sem muitos móveis nem tapetes (mostrando uma preocupação da família com a locomoção do idoso). Havia uma funcionária da família que oferecia água e suco para mim e para Luís, frequentemente, mostrando cuidado com a alimentação e zelo.

A primeira visita foi distinta pela presença da família, pois estavam a filha mais nova de Luís, um neto, o bisneto, e, ao final do primeiro encontro, a neta, pude perceber bastante proximidade e respeito na relação entre eles.

A filha de Luís foi simpática e falante, carinhosa com o pai. Fez alguns comentários sobre a perda da mãe, relatando que foi uma época muito difícil de sua vida, emagreceu bastante e teve que ser forte, pois a mãe faleceu e seu filho foi morar fora na mesma época.

O neto também foi simpático, cumprimentou-me e nos deixou à vontade para conversar. A neta, quando chegou, cumprimentou o avô com um beijo na mão do idoso, mostrando respeito e carinho, conversou um pouco e nos deixou à vontade, também.

O membro da família que me chamou mais atenção foi o bisneto. Segundo Luís, ele é o único bisneto e seu semblante mudava quando falava da criança. O bisneto tem cinco anos e Luís insistiu em me mostrar o garoto, sendo notável a felicidade dele quando falava ou estava com o bisneto. Luís comentou que o garoto faz visitas frequentes à casa e que costuma fazer bagunça no seu quarto. Luís relata que, apesar do TOC, deixa o garoto brincar em seu quarto, pois o menino é a “alegria da casa” – e dele.

Relatou também que gosta de se manter ativo e que um dos motivos de gostar de onde mora é que pode fazer (e faz) caminhadas diárias no térreo do prédio que, segundo ele, é muito ventilado e agradável. Disse também que gosta de morar perto de uma igreja e que costuma ir a pé para a missa.

Percebi que o idoso usa sua aliança de casamento juntamente com a aliança de sua falecida esposa, as duas juntas no mesmo dedo. Ao longo da entrevista, quando falava da esposa, olhava para o dedo com as duas alianças como se estas fossem um lembrete constante de sua importância.

A filha comentou que, no dia em que a mãe faleceu, a equipe de saúde deu a notícia da morte de uma forma muito brusca. Ela relatou que teve de ser forte para dar suporte ao pai, pois Luís passou mal no hospital. Ela disse que a mãe era forte e também sempre tentava proteger Luís.

A esposa de Luís faleceu no dia do velório da cunhada (irmã do idoso). Tentou poupar o marido, mas não aguentou a tensão e faleceu, segundo interpretação da filha. Assim, percebe-se na dinâmica familiar que a filha assumiu os cuidados do pai, que antes era função da mãe.

Percebi em Luís postura mais passiva, que, de acordo com a entrevista, notei que são traços que o acompanham ao longo da vida, não sendo uma característica que surgiu na velhice.

### **5.3 Relato com base nas observações**

Esta seção se dedica a explorar as observações coletadas ao longo das visitas aos idosos participantes da pesquisa a fim de facilitar o processo de imersão do leitor no relato etnográfico.

### 5.3.1 Caso Aurora – a destemida

Ao receber a indicação da idosa pelo PAI, os funcionários da instituição logo comentavam que a história de vida de Aurora era repleta de superação. Mesmo antes de conhecer a idosa, já se pôde perceber a admiração que ela despertava nas pessoas que conviviam com ela.

Após o primeiro contato com a idosa, passou-se a acompanhá-la nas aulas de “Ginástica cerebral”. A turma era numerosa e totalmente feminina. Antes do início da aula, um grupo de senhoras, colegas de Aurora, relatou a admiração que sentiam pela idosa que, por sua vez, sorria timidamente.

Ter a admiração do outro é algo importante para a manutenção da autoestima do ser humano, na fase idosa. Esse sentimento ganha maior importância, tendo em vista que o idoso tem a autoestima abalada em razão das mudanças biológicas naturais advindas do envelhecimento que afetam diretamente a autonomia para o desempenho de atividades, bem como no distanciamento do ideal estético de juventude. Dessa forma, ao mesmo tempo em que Aurora sorria timidamente diante dos elogios das amigas, foi possível perceber seu corpo adquirindo uma postura cada vez mais confiante à medida que ouvia os relatos.

Para Miguel e Fortes(2005), participar de grupos de convivência é uma atitude bastante significativa para a promoção do envelhecimento saudável, facilitando a ressignificação dessa etapa da vida, rompendo com o estigma de inutilidade, promovendo a autoestima e integrando o(a) idoso(a) no seio social.

Durante a aula, a facilitadora apresentava propostas de exercício cerebral que, por sua vez, eram seriamente executados pela idosa. Durante as aulas, não havia espaço para

conversas paralelas ou distrações, pois o foco era aprender e investir em seu desenvolvimento.

O investimento em si é importante para o idoso, pois funciona como mecanismo contrário à visão de que a velhice é marcada exclusivamente por perda, abrindo espaço para que o sujeito idoso possa investir em ganhos gerados pelo processo de empreender-se.

Posteriormente, na casa da filha, Aurora relatou com orgulho o fato de que ainda cozinhava para a família em datas comemorativas, e que todos apreciavam muito tudo o que ela preparava. Esse discurso de Aurora reforça o ideal de produtividade, pois ela gosta da ideia de preservar sua capacidade de servir ao outro e de ser produtiva.

Algo forte e estruturador para Aurora foi sua capacidade de identificar as potencialidades sem ignorar suas limitações. Comprovou-se essa dinâmica, pois Aurora havia feito uma cirurgia no braço e, com o este engessado, decidiu se afastar das atividades de alongamento que fazia no PAI. Continuou fazendo, contudo, suas aulas de Ginástica cerebral, não se afastando completamente das atividades, nem se deixando abater pelas limitações produzidas pela cirurgia. Em outra situação, Aurora relatou que, em virtude da operação, teve que sair de sua casa para passar uma temporada na residência de sua filha, reconhecendo ser a atitude mais prudente, mas ressaltou que, assim que o médico liberar, pretende retornar para sua casa.

Aurora tem grande convivência com sua família, sendo algo deveras positivo para o seu desenvolvimento, à medida que reforça a ideia de que ela conta com o suporte de membros familiares e que não está isolada, apesar de ter perdido o cônjuge. Os vínculos familiares entre os idosos e os membros mais jovens da família (novos vínculos), como netos e bisnetos, são importantes em um contexto de vida no qual os idosos contemporâneos estão falecendo.

### 5.3.2. Caso Lúcia - a dinâmica

Lúcia tinha apenas dois anos de luto. O marido frequentava o PAI, instituição que indicou a idosa para a participação da pesquisa. Ela relata que, apesar de se lembrar do esposo quando chega no PAI, o sentimento ruim é suavizado à medida que encontra suas amigas na instituição. Relatou que as amizades foram importantes, pois deram muita força e assistência a ela após a morte do marido.

Para Doll (2007), após o período crítico do luto, a viúva idosa encontra a possibilidade de despertar para uma proposta de reorganização do curso da vida.

Esse fenômeno requer que o sujeito identifique sua potência interna: “somos ativos ou atuamos ativamente (na ação) quando somos a causa total do que se passa em nós” (Chauí, 1995, p. 64), ou seja, no momento em que o sujeito aceita as circunstâncias e a realidade, passa a ter um novo olhar acerca das suas possibilidades e potencialidades de vida.

No momento em que Lúcia aceita a perda do marido sem negá-la, passa a ver as possibilidades e reorganiza sua vida.

A idosa faz aulas de dança de salão e computação no PAI. Foram assistidas às aulas e se observou que Lúcia não falta e é sempre comprometida com suas responsabilidades. Fala constantemente que é professora aposentada e que gosta muito de aprender e se desafiar.

No segundo encontro, Lúcia chegou atrasada e vestindo roupas de ginástica, relatando que tinha ido até a instituição a pé, com orgulho. Esse fato mostra a importância da autonomia, do sujeito idoso ter liberdade para desempenhar atividades sem grandes intervenções de outras pessoas.

Durante o contato se manteve com Lúcia, esta sempre se mostrou de bom humor, que ela diz decorrer da sua religiosidade. Lúcia garante que vai à missa todos os dias e que a religião e a fé tiveram papel fundamental para a superação da perda do marido.

### **5.3.3. Caso Olívia – a mística**

Olívia é uma idosa ativa, fazendo atividades de memória, curso de computação, aula de yoga e natação. Ao acompanhar as atividades de Olívia, percebeu-se não ser ela tão autônoma quanto busca transparecer, pois os filhos são controladores, de forma que tudo o que Olívia faz deve passar pela aprovação do filho mais velho.

A idosa queixa-se frequentemente do controle dos filhos e atribui muito tal circunstância à sua acomodação. Olívia nunca aprendeu a dirigir, pois o marido sempre cuidava do seu transporte. A idosa também não pagava as contas nem comprava em supermercado e, com a morte do marido, os filhos assumiram as atribuições do pai.

Olívia se queixa, pois diz querer aprender acerca da execução das tarefas, mas que os filhos não permitem a conquista desse espaço.

Algo que intensifica o cuidado dos filhos é o fato de que Olívia colocou uma ponte de safena logo após a perda do marido. Ela atribui, como motivos do adoecimento, a solidão, amargura e a desorganização causada pela perda do cônjuge.

### **5.3.4. Caso Amélia – a frágil**

No início dos contatos, Amélia pediu que os encontros acontecessem aos sábados, relatando que sempre fica em casa e sem companhia. Quando se foi até a casa de Amélia pela primeira vez, se notou que o fluxo de pessoas era grande, bem como de moradores, mas estes rapidamente chegavam e saíam, sem ficarem por um tempo considerável em casa. A idosa se

queixava bastante, porque, quando o marido era vivo, tinha a companhia dele em casa, pois ele passou os últimos anos de vida doente, não podendo sair muito.

Amélia é farmacêutica aposentada e, antes da aposentadoria, era muito ativa. Como trabalhava bastante, sofreu com a perda da rotina de trabalho. Atrelada à aposentadoria, veio a questão dos problemas de saúde. Amélia tem grave problema na coluna que dificulta sua locomoção.

O idoso vivencia situações de perdas com diversas dimensões sociais, quando deixa de desempenhar o papel no trabalho, na família ou no meio social. Destacam-se, porém, as “perdas emocionais”, vinculadas à perda de pessoas queridas (Portella & Pasqualotti, 2005).

Dentre as poucas atividades que fazem Amélia sair de casa, pode-se destacar um grupo de amigas que se encontram para fazer artesanato. Amélia relata que o artesanato é apenas um pretexto do grupo de amigos para que possam se encontrar e conversar. O grupo organiza também confraternizações com o fim de socialização.

As atividades manuais como forma de distração representam uma fonte de prazer, relaxamento e criatividade. Esse tempo para criar, muitas vezes, vai além do mero preenchimento do tempo e atinge a dimensão do contato consigo mesmo e de reinventar.

Investir em atividades criativas para idosos surge como algo importante à medida que compreende a criatividade como intimamente ligada à flexibilidade, ao reinventar e ao reorganizar, funções estas essenciais para envelhecer com qualidade.

### **5.3.5. Caso Heitor – o sensível**

Heitor é um professor aposentado que hoje trabalha vendendo carros. Ele relata que esta função é usada para ocupar o tempo. Já havia vendido carros antes de se tornar professor.

Era algo de que gostava e retomou após a morte da esposa. A venda de carros, segundo Heitor, ocupava sua cabeça durante o dia e o ajudava a lidar com a falta da esposa.

Confessou que, no início do luto, a noite era insuportável, pois não tinha nenhuma distração e pensava apenas na esposa. Passou os primeiros anos dormindo de rede, pois não conseguia voltar a dormir na cama que compartilhava com a esposa.

Durante o contato com o idoso, pôde-se conhecer suas filhas que se mostravam sempre cuidadosas com o pai, sobretudo a caçula, que continua morando com ele. Heitor sempre se mostrou como pai cuidador e protetor, colocando sempre as filhas em uma posição de prioridade. Disse que, quando a esposa adoeceu, tentou sempre poupar as filhas para que sofressem menos. Após a morte da companheira, buscou esconder das filhas o sofrimento que sentia.

A semana dele é ocupada com a função de venda de carros e, aos fins de semana, costuma sair com seus amigos que, em sua maioria, são ex-alunos. Relatou que, quando a esposa era viva, costumava sair com casais de amigos, mas, após a perda, passou a se sentir deslocado sem o seu par. Os ex-alunos e amigos cumpriram um papel importante na vida de Heitor reinserindo-o em eventos noturnos aos quais costumava ir quando a esposa era viva.

Heitor costumava ir a festas dançantes com a esposa. Ambos gostavam muito de dançar. Com o falecimento da companheira, Heitor abandonou o hábito e retomou anos depois quando voltou a sair à noite. Quando vai a festas, Heitor dança a noite inteira e é disputado pelas ex-alunas por ser um bom dançarino. O idoso relata que dançar com outras mulheres é bastante diferente de dançar com a esposa, mas precisou se reorganizar emocionalmente a fim de retomar algo que lhe é importante.

Hisatufu (2002) lança como arte a capacidade de sobreviver à falta das pessoas pelas quais nutrimos afeto, manejo importante para tornar o sujeito enlutado apto para recomeçar. O autor destaca que, apesar da saudade, as lembranças marcantes são importantes para a reconstituição projetos de vida.

No caso de Heitor, resta clara a função do tempo como meio “cicatrizante” e que a conformação diante da morte da esposa ultrapassa a mera acomodação, funcionando como um recurso adaptativo para que sofra menos.

Essa conformação como aceite é ilustrada pelo fato de que Heitor permanece desenvolvendo um serviço na igreja, função que era compartilhada com sua esposa. O idoso relata que sempre se lembra da esposa, mas que não pretende abandonar a função. Não há uma fuga nem negação da falta e da morte da esposa; apesar do serviço sempre lembrá-lo da morte, ele a aceita como realidade.

#### **5.3.6. Caso Luís – o objetivo**

Luís mora com uma das filhas, pois optou por vender o apartamento onde morava com a esposa após a sua morte, pois se sentia muito isolado. Apesar de morar com familiares, tem autonomia para desempenhar as atividades que quer.

Faz caminhadas diárias no térreo do prédio onde mora para cuidar da saúde. Para manter-se saudável, também faz uso de uma alimentação regrada. O idoso relatou que o cuidado com a saúde surgiu com a morte da esposa.

Luís recebe com frequência a visita de seu único bisneto que, apesar de, segundo o idoso, fazer muito barulho e bagunça, traz muita alegria ao seu dia. É perceptível a mudança do semblante do idoso ao encontrar o bisneto. Presenciou-se, algumas vezes, o encontro, e

observou-se que a disposição de Luís parece ganhar potencialidade com a criança como se ele rejuvenescesse anos em poucos instantes.

Ao acompanhar a dinâmica familiar, notou-se que o idoso era cuidado pela esposa e o papel desta foi assumido pela filha após a sua morte. O idoso se classifica como uma pessoa que gosta de ficar em casa e com a família.

Dentre as poucas atividades que gosta de fazer, ele destaca a missa diária, que faz questão de ir a pé. Disse que após a morte da esposa passou a frequentar mais a igreja e a rezar mais. Disse, também, que pensa mais na morte. Faz esforço para não faltar à missa diária.

#### **5.4 Discussões a partir das categorias**

Após a análise dos dados coletados pelas entrevistas, foram encontradas sete categorias de discurso: Família, Finitude, Suporte social, Saúde, Mudanças na rotina, Espiritualidade e Novos relacionamentos.

As categorias apontam para aspectos da vida dos sujeitos que podem atuar como circunstância geradora de criatividade, reorganização e potência de vida para os idosos no uso do seu tempo, ou, dependendo do contexto de vida do idoso, podem atuar como obstáculos para a manifestação desse processo de reorganização do tempo.

Categoria	Falas ilustrativas dos sujeitos
Família	“(…) <i>se não fosse a família, eu não tinha segurado a minha barra não</i> (...) - Aurora
Finitude	“ <i>Eu penso muito na morte...(risos) Eu sempre me preocupo...penso muito em morrer,né?(...) já pensou...como será lá?...ninguém sabe...é uma interrogação...um mistério...né?</i> ” - Luís
Suporte social	“(…) <i>esses meus amigos começaram a me chamar prum barzinho, ouvir música...à noite...(...)Aí foi relaxando mais aquela pressão da noite, né?</i> ” - Heitor
Saúde	“(…) <i>tome luta, tome sofrimento...e é que eu senti tanto a morte do que tá aqui o resultado ói...Safenada (...) foi a perda ...o sofrimento que eu senti né?</i> ” - Olívia
Mudanças na rotina	“(…) <i>Depois que ele saiu, que ele faleceu...aí eu...com o dinheiro do velho (risos) é que eu fui gozar o que eu não tinha gozado na vida</i> ” - Aurora
Espiritualidade	“ <i>A primeira força maior foi da igreja (...) aquela coisa cortava a minha revolta,né? O meu mal estar, eu sempre ia à igreja, quase todo dia ia pra igreja</i> ” - Heitor
Novos relacionamentos	“ <i>Eu vou amar outra mulher como ela? Eu não vou!</i> ” - Heitor

#### QUADRO 8

Síntese das categorias vinculadas à falas dos sujeitos

Fonte: Arquivo da pesquisa

#### 5.4.1. Família

Os idosos que colaboraram com a pesquisa relataram acerca da importância do papel da família como meio de amparo e diminuição da solidão decorrente da perda do cônjuge.

Conforme relatou Aurora, a família teve papel essencial em seu processo de reorganização diante do luto, quando diz: “(…) *se não fosse a família, eu não tinha segurado a minha barra não* (pausa). *Quem segura é meus filhos, meus netos...*”. Ela relatou que, quando perdeu o esposo e ficou sozinha em casa, sentia um vazio, mas o suporte família

suavizou a solidão: “(...)os filhos e os netos iam pra lá ficar comigo. Toda sexta-feira de noite chegavam os netos para ficar comigo”.

Lúcia relatou na entrevista a distinção de gênero entre filhos quanto ao suporte dado, relatando que a filha ocupa o papel de destaque como seu ponto de segurança: “(...) o filho faz, a nora faz, mas num tem como a filha não. Que num tem como...a gente se abre mais, a gente se sente mais...”. A fala da idosa é reflexo da elaboração cultural de gênero que ainda carrega como herança a noção da mulher com o papel do cuidado, não apenas dos filhos, mas também dos pais idosos.

No caso de Lúcia, é importante observar que a idosa mora sozinha, mas a família é presente, dando o suporte necessário. Para Miguel e Forte (2005), a posição das famílias que têm idosos morando sozinhos deve ser de incentivo, contudo, estes devem acompanhar o cotidiano desses idosos, dedicando tempo para investir no fortalecimento dos vínculos por meio de carinho e atenção. No caso de Lúcia, ela fala que a filha sempre se dispõe a levá-la aos eventos para onde quer ir, havendo o estímulo familiar para o investimento da idosa em relações sociais.

É interessante destacar a narrativa de Lúcia quando fala da relação familiar com as irmãs do marido como um vínculo que permanece após a perda do membro familiar que as uniu: “(...) eu sou integrada mesmo e não deixo as irmãs dele (marido) não, elas são maravilhosas (...)”. O sentimento de que ainda está ligada à família do marido traz a sensação de presença do marido por intermédio de suas irmãs. Além disso, ela encontra um grupo de pessoas que sentiram o luto e juntas unem forças para elaborá-lo. Assim, a idosa não se sente só no tentame de reorganização.

Os contatos com a família aliviam a solidão gerada pela perda, fortalecem os vínculos familiares e fazem emergir a memória de boas lembranças vinculadas ao sujeito falecido e, dessa forma, abrem espaço para o(a) viúvo(a) elaborar seu luto.

Olívia narra acerca da dificuldade de lidar com o controle dos filhos: “(...) *meus filhos querendo mandar em mim, meus filhos são muito autoritários, querendo mandar em mim, querendo me governar, querendo saber o que eu ganho, o que eu faço ...do meu dinheiro, com quem eu falo, como quem eu vou, num posso isso, num posso aquilo...eu ainda hoje vivo nesse sofrimento...e é porque eu sou dura, não me deixo me levar...*”. Contradiz-se, contudo, quando diz: “(...) *nem pai, nem mãe, nem filho, nem marido, eu obedeço, ninguém!*”. Percebe-se, pelo discurso da idosa, o desejo de se desprender do controle dos filhos, mas não consegue unir força para fazê-lo em virtude de obstáculos criados pela falta de autonomia, como o fato de não dirigir, dependência financeira e limitações de saúde.

Ao mesmo tempo em que critica o controle dos filhos, relata acerca da importância desse cuidado: “(...) *às vezes eu tô chateada...e só pela minha voz eles conhecem e de longe... ‘como é que a sra. tá mamãe?’*, ‘*tô bem*’ (...) *quando dá dez minutos, eles batem lá em casa (...)* *é impressionante como eles conhecem a minha voz...*”. Apesar do controle, a presença dos filhos surge como um aspecto importante na vida da idosa, como fonte de afeto e vínculo social.

Luís relata que, a respeito da preocupação que tem com o futuro da família, algo que antes era função da esposa e que, com sua morte, o idoso assumiu esse papel: “(...) *eu me preocupo com tudo, com tudo eu me preocupo...sou muito...uma preocupação com eles né?...Às vezes faz mal...me preocupo com eles ‘todinhos’(...)* *depois que ela faleceu...sempre ajudei eles né?*”. Esses novos papéis se configuram como desafios para o idoso, demandando flexibilidade e criatividade para se adaptar e, sobretudo, aprender acerca desses novos papéis.

Amélia relata três aspectos importantes na seguinte narrativa: “ (...) *(emocionada)* Eu sou muito carente, minhas filhas trabalham muito...até a noite...eu não tenho com quem conversar...eu não dirijo(...)as duas moram aqui(filhas), aff maria se não morassem...minha neta mora, meu neto...mas gente jovem é diferente...(...) ele (marido) era uma pessoa que eu conversava...”. Primeiramente, se queixa do pouco tempo de convivência com as filhas. Em segundo lugar, fala do fato de não dirigir, ilustrando a possível dependência que o idoso tem da família para desempenhar atividades da sua vontade. Havendo a dependência, perde-se a privacidade quanto ao desejo do idoso, pois tudo deve ser comunicado à família e, também, é preciso dá aos familiares maior espaço para o veto das atividades que julgarem inadequadas. Por fim, relata acerca da dificuldade de familiares de gerações diferentes conviverem em uma mesma residência, pois as diferenças podem ser fonte de intensa angústia para os idosos e geradora de conflitos que, por sua vez, podem enfraquecer os vínculos ou distanciar os membros da família.

#### **5.4.2. Finitude**

Outro aspecto que surgiu ao longo das entrevistas foi a questão da finitude. A perda do cônjuge não apenas confronta o idoso enlutado com a falta do(a) parceiro(a), mas faz também confronta o sujeito com a questão da morte e de sua finitude (Doll,2002).

A preocupação com a finitude e/ou a consciência dela pode se manifestar de formas diversas, como cuidados excessivos com a saúde a fim de viver mais e a busca maior pela religião a fim de encontrar conforto para a noção de um sentido da vida que vai além da morte .

Luís relata que passou a rezar mais após a perda da esposa e que pensa mais na morte: “*Eu penso muito na morte...(risos) Eu sempre me preocupo...penso muito em morrer,né?...é...por causa de idade também, né? (risos) 89 anos...já pensou...como será*

*lá?...ninguém sabe...é uma interrogação...um mistério...né?”*. Além da morte da companheira, deve-se considerar que a idade é um marco significativo para “cronometrar” a finitude, indicando a noção de que a vida está chegando ao fim. A morte da esposa, dessa forma, atua como um lembrete desse caráter passageiro da vida.

### **5.4.3. Suporte social**

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2005), o “envelhecimento ativo” possibilita ao sujeito a capacidade de se perceber dotado de potencialidades físicas, sociais e mentais ao longo de sua vida, de acordo com seus desejos e capacidades. A atividade não diz respeito apenas à questão física e produtiva, mas também ao envolvimento social, econômico, cultural, espiritual e civil.

O suporte social está muito ligado à busca do idoso por esse apoio e a criatividade para encontrá-lo. Lúcia, por exemplo, relata que vai à Igreja quando está se sentindo solitária, mas não apenas para fazer suas orações, mas também para encontrar os amigos: “ (...) *não dá pra ficar sozinha...a pessoa fica doente...é fica mesmo...eu vou pra missa, pois ninguém fica só na missa...antes, a gente conversa com o pessoal lá (...)*”.

As instituições de apoio ao idoso funcionam como excelente mecanismo de suporte social, à medida que permite que aos idosos estabeleçam vínculos entre si: “(...) *eu comecei a viver mesmo depois que eu entrei no PAI. As amigas, os parceiros, né?*” (Aurora).

Diversos ambientes podem funcionar como suporte social, como a família que apoia, facilitando o investimento em si; o acolhimento de grupos e instituições e o suporte dado pelos amigos.

No que se refere à amizade, ela foi narrada por Lúcia como importante suporte no momento logo após a perda: “*no enterro dele tinha muita gente, foi assim um enterro muito*

*acompanhado (...) até hoje tem lá em casa um papel de uma homenagem que fizeram pra ele*". O apoio dos amigos e homenagens suavizaram o pesar causado pelo sofrimento do vínculo rompido.

Heitor atribui aos amigos o papel de destaque na reorganização após a perda: "*Depois de um ano e meio, quase dois anos, dois anos...esses meus amigos começaram a me chamar prum barzinho, ouvir música...à noite...(...)Aí foi relaxando mais aquela pressão da noite, né?*". No caso de Heitor, pode apontar que as atividades realizadas com os amigos são utilizadas como instrumentos para administrar sua vida diária, sendo inicialmente um veículo para o alívio da angústia causada pela ausência da esposa nas noites em que ficava em casa.

#### **5.4.4. Saúde**

A perda do parceiro pode afetar em diversas ordens - financeira, emocional e da saúde. Para Doll (2002), esse tipo de prejuízo é um evento de enorme impacto para o sujeito, podendo ser fonte de depressão, desespero, angústia e solidão.

Nas entrevistas, destacaram-se duas perspectivas quanto à saúde: o idoso que cuida da saúde e o que teve a saúde afetada com a morte do cônjuge.

Heitor destaca seus cuidados com a saúde com orgulho, reconhecendo suas limitações físicas: "*(...)bem, tô velho, tenho setenta anos, mas eu tenho uma vida muito ativa, eu corro, faço, malho, né? Eu corro 6km na Beira Mar, eu malho bastante, me alimento muito bem...uma alimentação saudável...minha filha é nutricionista, ela que organiza tudo (...) eu me vejo praticamente como atleta...faço meus exames...sou safenado...tenho três pontes de safena já há dezesseis anos, mas tô sempre procurando, fazendo meus exames, me cuidando, tomando meu remédio, ainda corro, ainda nado...Então eu levo uma vida muito saudável, a minha cabeça talvez seja de um caba de uns quarenta anos*". O cuidado com a saúde está

explicitamente vinculado para Heitor com a questão da juventude, da atividade e da autonomia.

A concepção de envelhecer bem na Contemporaneidade é pautada no ideal de juventude, pois o idoso envelhece bem à medida que parece jovem, aproximando-se do ideal de juventude.

O aspecto da criatividade como meio necessário para reorganização do tempo do idoso é ilustrada por Luís, quando diz: *“não sou de sair de casa muito...gosto de ficar em casa...eu ando muito né? Sou diabético...todo dia ando mais de duas horas...só aqui embaixo( prédio) eu dou sessenta voltas”*. Apesar da violência na cidade e das limitações, Luís foi criativo, encontrando o pátio de seu prédio para a realização de caminhadas e o investimento em sua saúde, mostrando a prioridade dessa.

Diferentemente do cuidado com saúde, percebeu-se nas entrevistas o impacto na saúde após a perda do cônjuge. Pouco tempo após a perda do marido, Lúcia viajou para o interior, programa que costumava fazer com o companheiro. Quando estava na cidade, sofreu um acidente e o atribui ao processo de luto: *“(...) eu me distraí e, pense que eu quebrei meu fêmur...voltei pra Fortaleza, como é o nome?...de ambulância e tudo...por isso...foi! Por conta que fazia pouco tempo que ele tinha morrido (...)Eu tava sensível, me lembrando dele, por que era a primeira vez que eu ia pra lá sem ele, entendeu? Então assim, eu tava muito...não sei como foi aquilo ali...né?”*. A idosa atribui a causa do acidente à morte do marido.

Olívia também relatou que sua saúde foi afetada após a perda do marido, quando fala desse fato: *“O que eu poderia fazer mais, era enterrar, né? Aí, tome luta, tome sofrimento...e é que eu senti tanto a morte do que tá aqui o resultado ói...(apontou para uma cicatriz no coração)...Safenada (...) foi a perda ...o sofrimento que eu senti né? Agora eu tô mais...mas*

*no começo foi horrível*". Processos psicossomáticos podem surgir no luto, devendo receber a devida atenção a fim de evitar danos mais profundos.

#### **5.4.5. Mudanças na rotina**

Diante das mudanças na rotina ocorridas pelo pela perda do cônjuge, os idosos encontram desafios na reorganização da vida. O idoso encontra a possibilidade de mudar a percepção de si, retomando desejos adormecidos e possibilitando novos caminhos e projetos (Benincá, Costella & Vivian,2006).

A mudança da rotina ante a perda pode ensejar ganhos quando o sujeito percebe novas possibilidades de vida, ou atuar como algo limitador, vinculado à perda e à dificuldade de se reinventar.

Olívia narra acerca de sua dificuldade para se adaptar aos novos papéis em razão da perda do marido: *"ele era daquele tipo de homem que comprava tudo pra dentro de casa...eu não sabia quanto custava um pão, então, com o falecimento dele eu sofri muito! Muito!muito!muito!...aí eu fui me acostumando aos poucos né? Porque eu não sabia de nada...não sabia quanto custava, não sabia como pegar um ônibus, eu num sabia...nada! Eu ia e voltava, ele me levava e me trazia...pra ir pra igreja, ele ia e voltava...era assim...aí com o falecimento dele, a minha vida se transformou..."*. A capacidade de aprender tarefas e a flexibilidade são características necessárias para a vivência contemporânea (Sennett,2002). Ante a necessidade de dar conta de novas tarefas geradas pela perda, essa demanda é potencializada e, simultaneamente, obstaculizada, tendo em vista que a cobrança pessoal de dar conta dos novos papéis é somada ao vínculo rompido gerado pela perda.

Algo frequente na fala dos idosos foi a necessidade de deixar a moradia que era compartilhada como o(a) companheiro(a): *"me mudei, passei a morar com a filha, vendi meu*

*apartamento...preocupação com os filhos...sempre fui preocupado com eles*". Nessa fala, Luís exprime que a mudança de casa ocorreu para que ele pudesse dar suporte aos filhos, algo que durante as observações ficou claro, que a dinâmica era contrária e que o idoso passou a ter mais assistência da família. Além da perspectiva da assistência, Luís tentou assumir o papel da esposa do cuidado dos filhos e preocupação com o futuro deles.

No caso de Aurora, a mudança da rotina foi carregada de potencialidade por meio do investimento em viagens: *"Com a morte dele foi aí que eu descobri o PAI, fiz amizades, fiz muitas viagens...com 78 anos eu fui para os Estados Unidos com a minha filha, ela com o marido e os filhos. Aí quando eu tinha 87 anos, eu fui pra Europa...Com 91 anos eu fui pra Terra Santa...viu? Eu já fui duas vezes pro Rio Grande do Sul. Com a morte dele aí...comecei a viajar, viajei de navio, passei 18 noites dentro dum navio com 89 anos (...) Depois que ele saiu, que ele faleceu...aí eu...com o dinheiro do velho (risos) é que eu fui gozar o que eu não tinha gozado na vida"*. Para a idosa, o investimento em viagens surgiu como possibilidades potencializadoras de vida, abrindo espaço para que Aurora pudesse empreender-se e fortalecer vínculos com familiares e amigos que viajavam com ela.

#### **5.4.6. Espiritualidade**

A temática da espiritualidade nas narrativas da maioria dos idosos entrevistados mostra a importância das questões ligadas à fé e à devoção religiosa para a aceitação da morte. Percebeu-se que a espiritualidade funciona como recurso gerador de conforto, amenizando a solidão e o sentimento de vazio.

Para Berger (1995), o envolvimento religioso é de grande importância para os idosos, pois, por meio prática religiosa, desenvolvem a capacidade de adaptação a sua condição.

Aurora traz o sentimento de aceitação da perda do marido com o amparo da espiritualidade, quando diz: “(...) *eu num sou revoltada com a vida não...o que Deus manda, eu aceito. Eu tenho meus filhos...meus netos que ...que preenchem a minha vida*”. Olívia também encontra conforto na fé, quando exprime-se: “*Deus me deu tudo, me deu conformação...resignação, me fez, me fez eu discernir...me ajudou muito, até porque tudo o que eu vou fazer, eu boto na frente...se num der certo, é porque não foi da vontade Dele*”.

Luís fala da busca das orações como fonte de conforto: “*quando ela morreu, eu rezava 5 terços...rezo todo dia*”. Já Heitor ressalta a importância, não apenas da oração, mas também da instituição da igreja no seu processo de luto: “*A primeira força maior foi da igreja. Que eu sou ministro da eucaristia. Então, aquela coisa cortava a minha revolta,né? O meu mal estar, eu sempre ia à igreja, quase todo dia ia pra igreja*”.

O discurso de Lúcia narra acerca da importância do papel de orientadores espirituais no processo de escuta: “*O padre conversa muito comigo, ele conhecia o meu marido e ele falava ‘olha, ele tá bem, tá no céu, tá bem, agora é só você enfrentar, num precisa...reza por ele...num precisa...’*”. Percebe-se no discurso da idosa o conforto gerado pelas orientações de seu conselheiro espiritual, atuando como facilitador do investimento em novas possibilidades, promovendo o fechamento de ciclos e o início de outros.

#### **5.4.7. Novos relacionamentos**

O investimento em novos relacionamentos conjugais, apesar de ainda pouco haver na prática, foi um tema que surgiu na narrativa dos idosos entrevistados.

Olívia comenta acerca da possibilidade de um novo relacionamento como tentativa de reconquistar a liberdade ante as tentativas de controle dos filhos: “(...) *se eu encontrasse uma pessoa...que realmente me fizesse livre, me fizesse companhia...as novas não casam, imagina*”.

*as pessoas da minha idade...se aparecesse um viúvo ou um desquitado...até que poderia...é...se eu tiver que casar de novo, a gente casa...besteira!*". A fala da idosa se encerra com um conflito produzido pela elaboração cultural de que em sua idade novos relacionamentos são inviáveis ou mesmo tempo que não exclui a possibilidade.

O discurso de Heitor ilustra a dificuldade do idoso viúvo de acolher novos relacionamentos, pois, muitas vezes, tem como parâmetro da nova relação a formulação com base no relacionamento anterior com o cônjuge perdido: *"Aí um tempo atrás, eu conheci uma menina aí, uma senhora separada, aí comecei a namorar, já tinha o que? Uns seis meses de namoro, até apresentei às minhas filhas e tal, mas quando chega assim um certo momento...não dá! Você vê que...num sei se a gente fica exigindo como as coisas eram antigamente, você vê naquela pessoa, uma pessoa diferente, aí num dá certo, parei"*. Ao final da entrevista, Heitor fala da esposa falecida e resta evidente a dificuldade em desvincular a imagem da esposa falecida e seguir investindo em novos relacionamentos, quando expressa: *"Eu vou amar outra mulher como ela? Eu não vou!"*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, de natureza qualitativa com enfoque etnográfico, teve como objetivo geral cartografar as reconfigurações no tempo do idoso advindas da morte do cônjuge; convocando os objetivos específicos de compreender de que maneira o tempo era constituído na relação conjugal; investigar a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados; e identificar de que maneira o idoso faz uso de seu tempo após a morte do cônjuge.

O arcabouço teórico utilizado permitiu explorar as sutilezas da realidade contemporânea, os principais conceitos vinculados às temporalidades e o contexto do envelhecimento atrelado à circunstância da perda do cônjuge em idosos.

Com base no objetivo geral desta pesquisa, pode-se concluir que o tempo social do idoso tem reconfiguração influenciada por sete aspectos centrais: Família, Finitude, Suporte social, Saúde, Mudanças na rotina, Espiritualidade e Novos relacionamentos.

O tempo socioeconômico surge como mais dedicado à esfera do prazer e do autocondicionamento para o sujeito idoso, onde se percebem de modo mais claro a autonomia e o deslocamento da ideia do trabalho e do estudo como algo ligado à obrigação. A categoria que mais marcou o tempo socioeconômico foi a referente a Mudanças na rotina, na qual o sujeito, movido pela descoberta de outros prazeres e/ou redescobrimo antigos, encontrou a possibilidade de investir em novas atividades desde o do rompimento do vínculo com o cônjuge falecido.

Esse autoconhecimento como sujeito dotado de potência, conforme aponta a pesquisa, foi influenciado pelo contexto familiar, espiritual e social. Esses contextos atuam como facilitadores do processo, de forma que cabe apenas ao idoso ressignificar a experiência da perda, sendo este protagonista de sua experiência (Moreira e Nogueira, 2008).

Assim, este estudo aponta que a dinâmica necessária para o idoso lidar com a perda do cônjuge traz a demanda do investimento em si, de encontrar acolhimento social e constituir outros projetos de vida.

Assim como o tempo socioeconômico, constatou-se que o de perfil sociocultural é dotado de mais autocondicionamento, de forma que o idoso escolhe mais aqueles com os quais irá interagir socialmente. Vale ressaltar, ainda, que esse tempo sociocultural variou consideravelmente, pois cada sujeito tinha motivações e suportes diferenciados nele.

Constatou-se que os sujeitos que investiam mais em atividades dedicadas ao tempo sociocultural tiveram mais facilidade na reorganização do tempo após a perda do cônjuge.

A categoria referente aos novos relacionamentos conjugais perpassa o âmbito das necessidades socioculturais e de cunho psicobiológico, tendo em vista que atinge a esfera da afetividade e da sexualidade. Nessa categoria, verificou-se que a abertura para outros relacionamentos varia de acordo com a maneira com que cada relação foi estabelecida entre o idoso enlutado e o cônjuge falecido.

Assim, os objetivos específicos da pesquisa foram atingidos, à medida que, primeiramente, foi explorado o vínculo estabelecido na relação conjugal no que se refere ao tempo compartilhado. Observou-se que os idosos que aceitavam a realidade de a vida ser reconfigurada após a perda puderam lidar de modo mais eficaz com o luto. Ao contrário, os idosos que negavam a perda, buscando preservar a maneira como o tempo era compartilhado antes da perda, criaram obstáculos e complicadores ante o processo de luto.

Quanto ao tempo livre, foram notadas duas visões contrárias: por um lado, idosos que se apropriam do tempo livre e investem em experiências transformadoras e ressignificadoras da condição de luto, na qual a perda do cônjuge não é negada, mas redimensionada na vida do idoso. Por outro lado, encontrou-se a perspectiva de idosos que percebem o tempo livre

com pesar, sendo um tempo de martírio e vazio existencial, em que a pessoa não consegue se perceber por alguém dotado de potencialidades.

A categoria que marcou a questão do tempo vazio de sentido foi a referente à saúde, pois muitos dos idosos relataram acerca da dificuldade de se investir ante as limitações geradas pelas fragilidades da saúde.

A experiência da perda na perspectiva dos idosos foi um aspecto importante da investigação, pois permitiu compreender as especificidades de cada perda em cada contexto e, dessa forma, fazer as articulações quanto à reconfiguração após a perda. Ficou evidente que a perda súbita trouxe mais complicações quanto à elaboração do luto. Em situação de adoecimento gradual seguido de morte, percebeu-se que foi possível elaborar o luto antecipatório do idoso, realizar rituais de despedida e, assim, facilitar a reorganização do tempo do idoso.

Então, se pode constatar que a identificação da dinâmica do idoso de ressignificar seu tempo social após a morte do cônjuge foi realizada ao longo da elaboração das categorias e, assim, foi possível cartografar os aspectos influenciadores da reconfiguração do tempo do idoso após a perda do cônjuge.

A circunstância da perda pode ser entendida como desequilíbrio causado pela morte do cônjuge, mas que convoca o sujeito a crescer (Fortes e Neri, 2004). Com o aumento do número de idosos no mundo, torna-se necessário investir na desconstituição de uma óptica estigmatizada e limitadora do idoso, reconstituindo sob a perspectiva de promoção do crescimento desse idoso, criando condições para uma velhice ativa, bem-sucedida e autônoma (Moreira e Nogueira, 2008).

A perda do cônjuge para o idoso é um fenômeno delicado, pois requer empenho do idoso enlutado para reorganizar sua vida, encontrar sentido para reinvestir na vida e fazer

novos projetos; essas mudanças, portanto, como foi constatado ao longo desta investigação, são produzidos por intermédio da ressignificação do tempo social do idoso.

Por fim, evidencia-se a seguinte citação do “Pai da Medicina” Hipócrates que diz: “ A cura está ligada ao tempo e às vezes também às circunstância”; e reformula-se, a “cura” do processo de luto está ligada ao tempo, porém não somente a ele, mas também ao investimento que se faz e aos significados dados a esse tempo.

## REFERÊNCIAS

- Adler, P.A. & Adler, P. (1998). *Observational techniques*. London: Sage.
- Aquino, C. A. B., & Martins, J. C. O. (2008). Ócio, Lazer e Tempo Livre na Sociedade que Centraliza o Tempo de Trabalho. In M. C. Cabeza, & J. C. Martins (Orgs.), *Ócio para viver no século XXI* (pp. 201-218). Fortaleza: As Musas.
- Argimon, I. I. L., Pizzinato, A., Ecker, D. D. I., Lindern, D., & Torres, S. (2012). Velhice e Identidade: Significações de Mulheres Idosas. *Revista da Faculdade de Ciências Humanas e Saúde*, 14(4), 79-99.
- Ariès, P.(1977). *A história da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariès, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Barbieri, N. A. (2013). Escuta e criação de projetos: observações sobre a clínica do acompanhamento terapêutico e o envelhecimento. In N. A. Barbieri, & C. G. Baptista (Orgs.), *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento* (pp. 77-93). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Baztán, A. A. & Martins, J.C.O. (2014). *Pesquisa qualitativa de enfoque etnográfico*. Coimbra: Grácio Editor.

- Benincá, C. R.; Costella, K.; Vivian, R. L. (2006) Viuvez na terceira idade. In: M. R. Portella, A. Pasqualotti & M. Gaglietti (Orgs.), *Envelhecimento humano: saberes e fazeres* ( pp. 147-159) Passo Fundo: UPF Editora.
- Berger, L. (1995) Agir de acordo com as suas crenças e valores. In: L. Berger & D. Mailloux-Poirier (Orgs.) *Pessoas idosas: uma abordagem global* (pp. 503-541) Lisboa: Lusodidacta.
- Birman, J. (1995). *Terceira idade: Um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Bondía, J. L. (2002, janeiro/abril). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 19(1), 20-28.
- Borges, P. L. D. C., Bretas, R. P. S. F. D., & Barbosa, J. M. M. (2008) Perfil dos idosos frequentadores de grupos de convivência em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(2), 2798-2808.
- Bowlby, J. (1985). *Apego, perda e separação*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1990). *Formação e rompimento dos laços afetivos*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1993). *Perda: tristeza e depressão*. São Paulo: Martins Fontes.
- Brandão, C. (1981). *Pesquisa participante*. São Paulo. Brasiliense.
- Bromberg, M. H. P. F. (2000). *A psicoterapia em situações de perda e luto*. Campinas, SP: Livro Pleno.
- Camarano, A.A. (2003). Envelhecimento da população brasileira: uma contribuição demográfica. In E.V. Freitas et al., *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 58-71). São Paulo.

Chauí, M. (1995). *Espinosa: uma filosofia da liberdade*. São Paulo: Moderna

Chnaiderman, M. (2013). O mito do corpo jovem a qualquer preço. In N. A. Barbieri, & C. G. Baptista (Orgs.), *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento* (pp. 41-50). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Concentino, J. M. B., & Viana, T. D. C. (2011). A velhice e a Morte: reflexões sobre o processo de luto. *Revista brasileira de geriatria e gerontologia*, 14(3), 591-599.

Cuenca, M. C. (2003). Ocio humanista, dimensiones y manifestaciones actuales del ocio (Documentos de Estudios de Ocio, Num. 16). Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ócio/Universidad de Deusto.

D'Assumpção, E. (2005). *Biotanatologia e Bioética*. São Paulo: Paulinas.

Doll, J. (2007). Luto e viuvez na velhice. In M. Papaléo (Ed.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 999-1012). São Paulo: Atheneu.

Dupuy, J. P. (2012). O tempo que nos resta. In A. Novaes (Org.), *Elogio à preguiça* (pp. 295-316). São Paulo: Edições SESCSP.

Feriancic, M. M. (2013). Deixa-me falar: a entrevista além da internet. In N. A. Barbieri, & C. G. Baptista (Orgs.), *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento* (pp. 225-231). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Ferrari, M. A. C. (2007). Lazer, ocupação do tempo livre e os programas da terceira idade. In M. Papaléo, Netto (Ed.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (pp. 243-251). São Paulo: Atheneu.

Flick, U. (2008). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed

Fortes, A. C. G., & Neri, A. L. (2004). Eventos de vida e envelhecimento humano. In A.L. Neri & M. S. Yassuda (Eds.), M. Cachioni (Colab.), *Velhice bem sucedida: Aspectos afetivos e cognitivos* (pp. 51-70). Campinas: Papirus.

Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.

Franco, M. H. P. (2010). *Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade*. São Paulo: Summus.

Gil, A. C. (2006). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Goldfarb, D. C. (2004). *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. Tese de doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Gomes, R. (2003). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In C. Minayo (Org.), *Pesquisa social, teoria, método e criatividade* (6a ed., pp. 67-80). Petrópolis: Vozes.

Hammersley, M. & Atkinson, P. (1994). *Etnografía: métodos de investigación*. Barcelona: Paidós.

Herédia, V. B. M., Corteletti, I. A., & Casara, M. B. (2007). O processo de envelhecimento e a institucionalização do idoso. In V. B. M. Herédia, A. A. Ferla, & D. R. S. Lorenzi (Orgs.), *Envelhecimento, saúde e políticas públicas* (pp. 23-31). Caxias do Sul, RS: Educus.

Hermann, M. C. (2013). Prefácio ou o desbravar novos territórios. In N. A. Barbieri, & C. G. Baptista (Orgs.), *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento* (pp. 5-12). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Hisatugo, C. L. C. (2002). O luto e o idoso: a arte de sobreviver às perdas. In: N. L. Terra & B. Dornelles (Org.). *Envelhecimento bem-sucedido* (pp.409-413). Porto Alegre: Edipucrs.

Hoonard, D. K. (2001). *The Widowed self. The older women's journey through widowhood*. Waterloo, Ontario: Wilfried Laurier University Press.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). (2009). *Síntese de indicadores sociais*. Rio de Janeiro. Recuperado em 26 maio, 2013, de [http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/indic\\_sociais2009.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicais2009/indic_sociais2009.pdf)

Jovchelovich, S., & Bauer, M. (2002). A entrevista narrativa. In M. Bauer, & G. Gaskell (Orgs.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som* (pp. 90-113). Petrópolis: Vozes.

Kovács, M. J. (2010). *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Lèfevre, F., & Lèfevre, A. M. C. (2005). *Depoimentos e discursos: Uma proposta de análise em pesquisa social*. Brasília: Líber Livro Editora.

Lefevre, F., & Lefevre, A. (2010). *Pesquisa de Representação Social: um enfoque quali quantitativo: a metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo*. Brasília: Líber Livro.

*Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003* (Estatuto do Idoso). (2003). [Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências]. Recuperado em 26 maio, 2013, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/110.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.741.htm)

Lenoir, R. (1979). L'invention du troisième âge: constitution du champ des agents de gestion de la vieillesse. *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, 1, 26-27.

Leopardi, M., Beck, C., Nietzsche, E., & Gonzales, R. (2002). *Metodologia da pesquisa na saúde*. Florianópolis: UFSC.

Liebscher, P. (1998). Quantity with quality? Teaching quantitative and qualitative methods in a LIS Master's program. *Library Trends*, 46(4), 668-680.

Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.

Lipovetsky, G. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das letras.

Martins (2013). Tempo livre, ócio e lazer: sobre palavras, conceitos e experiências. In J. C. Martins & M. M. Baptista (Orgs.), *O ócio nas culturas contemporâneas* (pp. 11-22). Coimbra: Grácio Editor.

Matos, O. (2012). Educação para o ócio: da acídia à “preguiça heroica”. In A. Novaes (Org.), *Elogio à preguiça* (pp. 51-76). São Paulo: Edições SESCSP.

Miguel, C. S.; Fortes, V. L. F. (2005). Idosas de um grupo de terceira idade: as interfaces da relação com suas famílias. Passo Fundo, Brasil. *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 2(2), 74-85.

Minayo, M. C. S., & Coimbra, C. E. A., Jr. (2002). *Antropologia, Saúde e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Minayo, M. C. S. (2012). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Moreira, V. & Nogueira, F. N. N. (2008) *Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

Munné, F. (1980). *Psicossociologia del tempo libre: um enfoque crítico*. México: Trilhas.

Narita, S. (2006). Notas de Pesquisa de Campo em Psicologia Social. *Revista Psicologia & Sociedade*, 18(2), 21-31.

Parkes, C. M. (1998). *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. São Paulo: Summus.

Parkes, C. M. (2009). *Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações*. São Paulo: Summus.

Peixeiro, M. H. (2013). Desamparo e velhice: uma travessia acompanhada. In N. A. Barbieri, & C. G. Baptista (Orgs.), *Travessias do tempo: acompanhamento terapêutico e envelhecimento* (pp. 65-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Pinheiro, K. F., Rhoden, I. , & Martins, J. C. D. O. (2010). A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 10(4), 1131-1146.

Portella, M. R.; Pasqualotti, A. (2005). Atenção aos idosos pobres e desvalidos: um olhar com relação às ações cuidativas dos agentes pastorais. In: J. R. Santin; P. S. Vieira & H. Tourinho Filho (Orgs.) *Envelhecimento humano: saúde e dignidade* (pp. 135-164).Passo Fundo: UPF.

Richardson, R. (2008). *Pesquisa social: método e técnicas*. São Paulo: Atlas.

Safatle, V. (2012). Perto demais da redenção: depressão, flexibilidade e fim da ética do trabalho. In A. Novaes (Org.), *Elogio à preguiça* (pp. 385-404). São Paulo: Edições SESCSP.

Sampieri, R. H., Fernandez-Collado, C., & Lucio, P. B. (2008). *Metodología de la investigación* (4a ed.) México: McGraw-Hill.

Schutze, F. (1987). *A técnica de entrevistas narrativas no campo de estudos de interação*. Hagen: Carta Estudo da Universidade de Hagen.

Sennett, R. (2002). *Respect in a world of inequality*. London: Penguin.

Sousa, J. G., & Baptista, M. M. (2013). Ócio e tempo livre na idade adulta avançada: as práticas de animação sociocultural como estratégias de resiliência. In J. C. Martins, & M. M. Baptista (Orgs.), *Ócio nas culturas contemporâneas – teorias e novas perspectivas em investigação* (pp. 219- 232). Coimbra: Grácio Editor.

Tolotti, M. (2005). *Passageiros do Outono: reflexões sobre a velhice*. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed.

Trentini, C. M., Werlang, B. S. G., Xavier, F. M. D. F., & Argimon, I. I. M. D. L. (2009). A relação entre variáveis de saúde mental e cognição em idosos viúvos. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22(2), 236-243.

Turato, E. R. (2003). *Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

Waichman, P. (1997). *Tempo livre e recreação: um desafio pedagógico*. Campinas: Papirus.

World Health Organization (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde.

**APÊNDICE A - Ficha do Colaborador**

## FICHA DO COLABORADOR

Identificador: \_\_\_\_\_

Iniciais: \_\_\_\_\_

Fone: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Tempo de luto: \_\_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_

Estado Civil: \_\_\_\_\_ Número de filhos: \_\_\_\_\_

Idade dos filhos: \_\_\_\_\_

Sexo dos filhos (ordem decrescente): \_\_\_\_\_

Local das entrevistas: \_\_\_\_\_

Observações referentes às entrevistas: \_\_\_\_\_

---

---

---

---

**APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

TÍTULO DA PESQUISA: Sobre a experiência da perda e os impactos da morte do cônjuge no tempo livre do idoso.

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: Fernanda Xavier Santiago Marinho

Prezado(a) Colaborador(a),

Você está sendo convidado(a) a participar desta pesquisa que irá investigar de que maneira a perda do esposo ou da esposa por morte afeta o tempo livre do idoso, buscando entender como era a relação do casal, investigando como a morte aconteceu e buscando saber de que maneira o idoso usa o seu tempo livre após a perda do esposo ou da esposa.

A pesquisa é importante para ajudar a entender a perda do esposo ou esposa e mostrar a necessidade de oferecer maneiras de ajudar os idosos que estiverem nessa condição.

**1. PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA:** Ao participar desta pesquisa você deverá deixar que a pesquisadora observe algumas de suas atividades do dia-a-dia, deixar que a pesquisadora faça a entrevista que será marcada em um local e horário que não atrapalhe suas atividades. Deixar que a pesquisadora faça a gravação de áudio das entrevistas para que ela possa lembrar de tudo o que for falado nas entrevistas. As gravações de áudio serão utilizadas exclusivamente para o processo da pesquisa de dissertação, após a defesa, elas serão apagadas dos arquivos da pesquisadora.

Lembramos que a sua participação é voluntária, você tem a liberdade de não querer participar, e pode desistir, em qualquer momento, mesmo após ter iniciado o(a) os(as) observações e entrevistas sem nenhum prejuízo para você.

**2. RISCOS E DESCONFORTOS:** O(s) procedimento(s) utilizado(s) da entrevista ou observações poderá(ão) trazer algum desconforto como pensamentos mais frequentes no esposo ou esposa perdido(a) e sentimento de tristeza. O tipo de procedimento apresenta um risco de despertar sentimentos de tristeza que será reduzido pelo cuidado da pesquisadora em conduzir as fases da pesquisa, parando imediatamente a participação do idoso se perceber alguma dificuldade em lidar com a situação, encaminhando o idoso para o Plantão Psicológico direcionado para pessoas que perderam pessoas importantes realizado pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA – contato: 3477.3644) localizado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) – Rua Desembargador Floriano Benevides, 221, Edson Queiroz – Profissional responsável pelo serviço: Giselle Maranhão Sucupira Mesquita- CRP: 11/03140.

**3. BENEFÍCIOS:** O benefício esperado com a pesquisa é de criar a oportunidade para a pessoa falar sobre sua perda, ajudando a reorganizar e expressar os sentimentos gerados pela morte do esposo ou esposa.

**4. FORMAS DE ASSISTÊNCIA:** Se você precisar de algum encaminhamento psicológico por se sentir prejudicado por causa da pesquisa, ou se o pesquisador descobrir que você tem alguma coisa que necessite de tratamento, você será encaminhado(a) por Fernanda Xavier Santiago Marinho, telefone: (85)87851236 para o Plantão Psicológico direcionado para pessoas que perderam pessoas importantes realizado pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA – contato: 3477.3644) localizado na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) – Rua Desembargador Floriano Benevides, 221, Edson Queiroz – Profissional responsável pelo serviço: Giselle Maranhão Sucupira Mesquita- CRP: 11/03140.

**5. CONFIDENCIALIDADE:** Todas as informações que o(a) Sr.(a) nos fornecer ou que sejam conseguidas por observações e entrevistas serão utilizadas somente para esta pesquisa. Seus(Suas) respostas, informações e dados pessoais ficarão em segredo e o seu nome não aparecerá em nenhum lugar dos(as) gravações e formulários nem quando os resultados forem apresentados.

**6. ESCLARECIMENTOS:** Se tiver alguma dúvida a respeito da pesquisa e/ou dos métodos utilizados na mesma, pode procurar a qualquer momento o pesquisador responsável.

Nome do pesquisador responsável: Fernanda Xavier Santiago Marinho

Endereço: Av. Washington Soares, 1321, Edson Queiroz.

Telefone para contato: (85)87851236

Horário de atendimento: 8h-17h (segunda a sexta)

Se desejar obter informações sobre os seus direitos e os aspectos éticos envolvidos na pesquisa poderá consultar o Comitê de Ética da Universidade de Fortaleza, Ce.

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – C COÉTICA

Universidade de Fortaleza.

Av. Washington Soares, 1321, Bloco da Reitoria, Sala da Vice-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, 1º andar.

Bairro Edson Queiroz, CEP 60811-341.

Telefone (85) 3477-3122, Fortaleza, Ce.

**7. RESSARCIMENTO DAS DESPESAS:** Caso o(a) Sr.(a) aceite participar da pesquisa, não receberá nenhuma compensação financeira já que a

pesquisadora sempre irá se deslocar para o local que o participante estiver e que ele julgar mais cômodo.

**8. CONCORDÂNCIA NA PARTICIPAÇÃO:** Se o(a) Sr.(a) estiver de acordo em participar deve preencher e assinar o Termo de Consentimento Pós-esclarecido que se segue, e receberá uma via deste Termo e a outra ficará com o pesquisador.

O **participante de pesquisa** ou seu representante legal, quando for o caso, deve rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido "C TCLE "C apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

O **pesquisador responsável** deve, da mesma forma, rubricar todas as folhas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido "C TCLE "C apondo sua assinatura na última página do referido Termo.

## 9. CONSENTIMENTO PÓS ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento que atende às exigências legais, o Sr.(a) \_\_\_\_\_, portador(a) da cédula de identidade \_\_\_\_\_, declara que, após leitura minuciosa do TCLE, teve oportunidade de fazer perguntas, esclarecer dúvidas que foram devidamente explicadas pelos pesquisadores, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido e, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO em participar voluntariamente desta pesquisa.

E, por estar de acordo, assina o presente termo.

Fortaleza-Ce., \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do participante ou Representante Legal

Impressão dactiloscópica

---

Assinatura do Pesquisador

**APÊNDICE C – Questões Norteadoras****QUESTÕES NORTEADORAS**

- 1) Descreva como se configurava o relacionamento com seu cônjuge? Como era a rotina do casal? O que faziam juntos?
- 2) Como aconteceu a perda? Aconteceu em que condições? Como foi o processo para você?
- 3) Quais foram as mudanças ocorridas em sua vida após a perda?

**APÊNDICE D****CARTA DE APRESENTAÇÃO**

Fortaleza, 27 de outubro de 2014.

(NOME DA INSTITUIÇÃO),

Por meio deste documento, o programa de pós-graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) apresenta a mestranda *Fernanda Xavier Santiago Marinho*, devidamente matriculada nesta Instituição de ensino, que está realizando a pesquisa intitulada: *Sobre a experiência da perda e os impactos da morte do cônjuge no tempo livre do idoso*.

O objetivo do estudo é investigar os impactos da perda do cônjuge por morte no tempo livre do idoso; compreendendo de que maneira o tempo livre era constituído na relação conjugal, investigando a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados e identificando de que maneira o idoso faz uso de seu tempo livre após a perda do cônjuge.

Na oportunidade, solicitamos autorização para a coleta de dados através de entrevistas e observações de usuários da instituição. Informamos que o caráter ético desta pesquisa assegura a preservação da identidade das pessoas participantes. Uma das metas para a realização deste estudo é o comprometimento do pesquisador em possibilitar, aos participantes, um retorno dos resultados da pesquisa. Solicitamos ainda a permissão para a divulgação desses resultados e suas respectivas conclusões, em forma de pesquisa, preservando sigilo e ética, conforme termo de consentimento livre que será assinado pelo participante. Esclarecemos que tal autorização é uma pré-condição.

Agradecemos vossa compreensão e colaboração no processo de desenvolvimento desta pesquisa. Em caso de dúvida você pode procurar a pesquisadora responsável pelo telefone: (85)8785-1236 ou pelo email: [fernandaxsmarinho@gmail.com](mailto:fernandaxsmarinho@gmail.com)

Atenciosamente,

.....  
**Profa. Dra. Tereza Glauca Rocha Matos**

Coordenadora do Programa de Pós Graduação em Psicologia -UNIFOR

.....  
**Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins**

Orientador

**ANEXO A****CARTA DECLARATÓRIA**

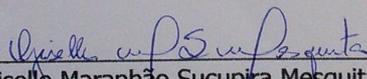
Do Plantão Psicológico (SPA/NAMI/UNIFOR) para o Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI – UNIFOR)

Autorizamos que os idosos participantes da pesquisa intitulada *Sobre a experiência da perda e os impactos da morte do cônjuge no tempo livre do idoso* sejam encaminhados pela pesquisadora Fernanda Xavier Santiago Marinho (contato: 8785.1236) para o Plantão Psicológico a enlutados oferecido pelo Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) localizado no Núcleo de Atenção Médica Integrada (NAMI) na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

Estamos cientes da natureza da pesquisa realizada pela mestranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI – UNIFOR) sob orientação do Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins com o(s) seguinte(s) objetivo(s): investigar os impactos da perda do cônjuge por morte no tempo livre do idoso, compreendendo de que maneira o tempo livre era constituído na relação conjugal; investigando a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados; e identificando de que maneira o idoso faz uso de seu tempo livre após a perda do cônjuge.

O suporte psicológico será oferecido aos idosos participantes da pesquisa que forem encaminhados pela pesquisadora por não estarem em condições de lidar sozinhos com os sentimentos gerados pelo processo da pesquisa. Ressaltamos que o contato com o paciente será mantido em sigilo.

Fortaleza, 05 de Fevereiro de 2015.

  
Giselle Maranhão Sucupira Mesquita  
CRP- 11/03140  
Plantão Psicológico (SPA/NAMI/UNIFOR)

## ANEXO B



**GOVERNO DO  
ESTADO DO CEARÁ**  
Secretaria do Planejamento  
e Gestão

Coordenadoria de Promoção da Qualidade de Vida do Aposentado - COPAI

### CARTA DE ANUÊNCIA PARA AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA

Do Programa de Ação integrada para o Aposentado (PAI) para o Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI – UNIFOR)

Autorizamos institucionalmente a realização da pesquisa intitulada *Sobre a experiência da perda e os impactos da morte do cônjuge no tempo livre do idoso* a ser realizada com idosos usuários do *Programa de ação integrada para o aposentado (PAI)* pela mestrandia Fernanda Xavier Santiago Marinho, sob orientação do Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins com o(s) seguinte(s) objetivo(s): investigar os impactos da perda do cônjuge por morte no tempo livre do idoso, compreendendo de que maneira o tempo livre era constituído na relação conjugal; investigando a experiência da perda na perspectiva dos idosos enlutados; e identificando de que maneira o idoso faz uso de seu tempo livre após a perda do cônjuge.

É permitido, portanto, ter acesso a funcionários da instituição a fim de que façam a indicação de idosos (as) viúvos (as) e observar as atividades que os idosos realizam na instituição até o período de agosto de 2015. Autorizamos que o nome desta instituição pode constar no relatório final bem como em futuras publicações na forma de artigo científico.

Ressaltamos que os dados coletados deverão ser mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 466/12 que trata da Pesquisa envolvendo Seres Humanos. Salientamos ainda que tais dados devem ser utilizados tão somente para realização deste estudo.

Fortaleza, 6 de novembro de 2014.

Guirlanda de Fátima Távora Ponte

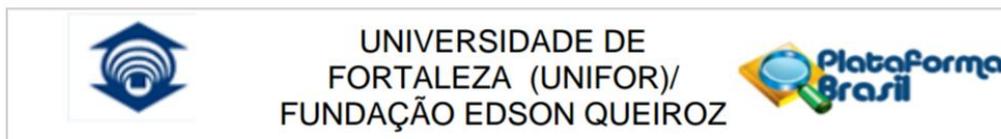
Guirlanda Ponte  
Coordenadora PAI  
SEPLAG

Centro Administrativo Governador Virgílio Távora, Av. Gen. Afonso de Albuquerque Lima, s/n - Ed. SEPLAG - 3º andar  
Cambeba - CEP: 60.830-120 - Fortaleza-CE - fones: (85) 3101-4517/19 - fax: (85) 3101-4518

site: [www.seplag.ce.gov.br](http://www.seplag.ce.gov.br)

PAI- Programa de Ação Integrada para o Aposentado - Rua Oswaldo Cruz, 1500 - Aldeota  
Fone: 3101 1387 / Fax: 3101 1386 - e-mail: [pai@seplag.ce.gov.br](mailto:pai@seplag.ce.gov.br)

## ANEXO C



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** SOBRE A EXPERIÊNCIA DA PERDA E OS IMPACTOS DA MORTE DO CÔNJUGE NO TEMPO LIVRE DO IDOSO.

**Pesquisador:** Fernanda Xavier Santiago Marinho

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 37302514.2.0000.5052

**Instituição Proponente:** Fundação Edson Queiroz

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

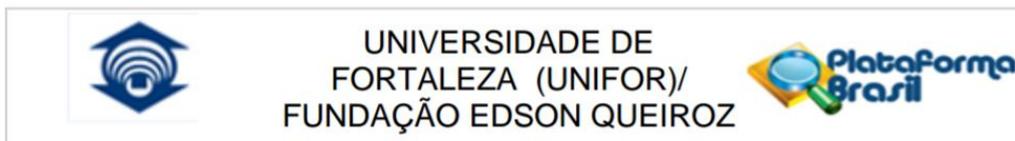
**Número do Parecer:** 957.864

**Data da Relatoria:** 12/02/2015

**Apresentação do Projeto:**

O Projeto em apreciação ao Comitê de Ética-COÉTICA da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, intitulado "Sobre a experiência da perda e os impactos da morte do cônjuge no tempo livre do idoso. Trata-se de Projeto de Dissertação apresentado à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza – Unifor em cumprimento à etapa de Qualificação, requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia de autoria de FERNANDA XAVIER SANTIAGO MARINHO sob a orientação do Prof. Dr. José Clerton de Oliveira Martins. O trabalho tem sua relevância uma vez que é evidente o crescente demanda de idosos buscando o serviço de psicologia nos mais diversos âmbitos da área – na clínica, nos equipamentos de assistência social e Centro de Referência Especializado de Assistência Social, nos equipamentos de saúde mental e em ambientes organizacionais privados. A temática do envelhecimento atraiu a atenção de diversos países e organizações nas últimas décadas com a declaração da Organização das Nações Unidas (ONU) de que o mundo está vivendo a "Era do Envelhecimento" Segundo projeções elaboradas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IB-GE, 2009), o Brasil ocupa o sexto lugar no ranking dos países com maior número de idosos e estima-se que, em 2050, a população senil irá superar a de jovens (0 a 15 anos) no País. O presente estudo se classifica como exploratória, também terá um enfoque etnográfico,

**Endereço:** Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria  
**Bairro:** sala da VRPPG - Edson Queiroz      **CEP:** 60.811-905  
**UF:** CE      **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3477-3122      **Fax:** (85)3477-3056      **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 957.864

permitindo uma maior aproximação do pesquisador com o fenômeno estudado, possibilitando uma coleta de dados mais

contínua com os participantes. O método etnográfico será utilizado para se compreender, "in loco", as experiências dos idosos que perderam seus cônjuges por morte. Elege-se, portanto, a pesquisa de campo para a configuração deste trabalho, pois se reconhece que a análise de fenômenos relacionais como a perda e a utilização do tempo livre é de natureza complexa, fazendo-se necessária a sua exploração prática.

**Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo Primário:

Investigar os impactos da perda do cônjuge por morte no tempo livre do idoso.

Objetivo Secundário:

Compreender de que maneira o tempo livre era constituído na relação conjugal; investigar a experiência da perda na perspectiva dos idosos

enlutados; e identificar de que maneira o idoso faz uso de seu tempo livre após a perda do cônjuge.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos:

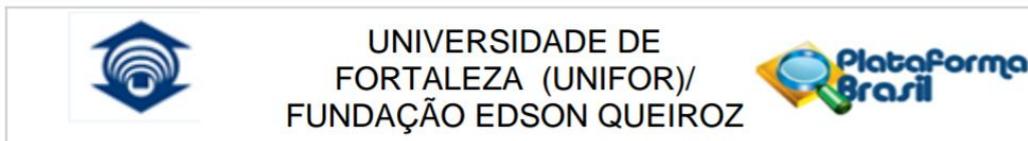
Ao se considerar que a pesquisa convoca os sujeitos a falar sobre processos que, em geral, evocam lembranças e sentimentos dolorosos, provocando a emergência de expressões até então "adormecidas", deve-se estar atentos aos idosos durante todo o processo de pesquisa e até

mesmo após o encerramento da investigação. Isso implica a necessidade de se observar as condições emocionais do sujeito durante a entrevista buscando identificar vulnerabilidades, como aspectos depressivos e melancólicos, bem como outros tipos de sintomatologias, visto que "se sabe que o processo de luto normal na terceira idade está associado com um impacto negativo para diversos aspectos da saúde" (Trentini, Werlang, Xavier, & Argimon, 2009, p. 236). Caso necessário, o idoso será encaminhado para acompanhamento especializado a fim de que obtenha o suporte necessário eficaz. Caso se evidencie que não está em condições de entrar em contato com a perda e tudo o que a ela se relacione, o mesmo será afastado da participação na pesquisa.

Benefícios:

Dessa forma, devido ao seu caráter subjetivo, a entrevista poderá funcionar para o sujeito como um instrumento terapêutico de elaboração do processo de luto, como pode ser constatado a partir dos ensinamentos de Feriancic (2013, p. 231): Os relatos trazem um benefício para a pessoa

**Endereço:** Av. Washington Soares 1321 Bloco da Reitoria  
**Bairro:** sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 957.864

idosa, pois ao falar, ao tornar suas histórias públicas, acabam conhecendo um pouco mais de si.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

O projeto de pesquisa se encontra metodologicamente adequado as propostas investigativas e atende aos padrões éticos determinados pela Res.466/12 CNS/MS.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

PB\_XML\_INTERFACE\_REBEC.xml

PB\_INFORMAÇÕES\_BÁSICAS\_DO\_PROJETO\_400864.pdf

Carta declaratória SPA.jpg

Projeto Qualificação Plataforma Brasil.pdf

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO finalizado.pdf

PB\_PARECER\_CONSUBSTANCIADO\_CEP\_893822.pdf

PB\_PARECER\_COLEGIADO\_892552.pdf

PB\_PARECER\_RELATOR\_852116.pdf

Folha de rosto plataforma brasil.pdf

**Recomendações:**

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Após análise na íntegra do protocolo de pesquisa conclui-se que o mesmo atende às Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa Envolvendo Seres Humanos -Res.466/12 CNS/MS.

**Situação do Parecer:**

Aprovado

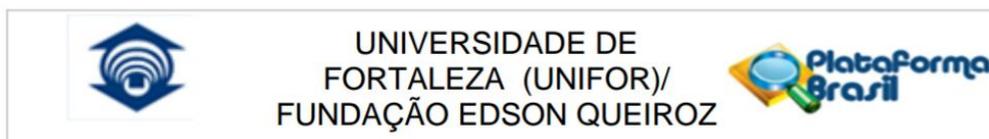
**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O colegiado acata o parecer de Aprovação do projeto e esclarece: Apresentação de relatório parcial e final; A pesquisa deve ser desenvolvida conforme delineada no protocolo aprovado; O CEP deve ser informado dos efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal da pesquisa; Emendas ou modificações ao protocolo de pesquisa devem ser enviadas ao CEP para apreciação ética.

**Endereço:** Av. Washington Soares 1321Bloco da Reitoria  
**Bairro:** sala da VRPPG - Edson Queiroz **CEP:** 60.811-905  
**UF:** CE **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3477-3122 **Fax:** (85)3477-3056 **E-mail:** coetica@unifor.br



Continuação do Parecer: 957.864

FORTALEZA, 20 de Fevereiro de 2015

---

**Assinado por:**  
**Marilia Joffily Pereira da Costa Parahyba**  
**(Coordenador)**

**Endereço:** Av. Washington Soares 1321Bloco da Reitoria  
**Bairro:** sala da VRPPG - Edson Queiroz      **CEP:** 60.811-905  
**UF:** CE      **Município:** FORTALEZA  
**Telefone:** (85)3477-3122      **Fax:** (85)3477-3056      **E-mail:** coetica@unifor.br

## ANEXO D

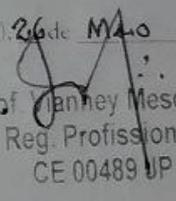


ACADEMIA CEARENSE  
DA LÍNGUA PORTUGUESA

DVLISIONAM ET CANORAM LINGVAM CANO

Declara-se, para constituir prova junto ao (ã) PROF. ROS. GRAS. EM PSICOLOGIA  
do (da) UNIVERSIDADE DE FORTALEZA,  
que, por intermédio do académico titular infra-assinado, foi procedida a correção gramatical e estilística  
do (da) DISSERT. MESTRADO intitulado (da) RECONFIGURAÇÃO DO TEMPO DO  
TIPO ENUNTIADO: EST. QUAL. S/ LUTO E ENV. NA CID. DE FORTALEZA - CE  
da autoria de FERNANDA XAVIER SANTIAGO MARTINS  
orientado (a) pelo (a) PROF. DR. JOSÉ CLEMENTE OLIVEIRA MARTINS,  
razão por que se firma a presente, a fim de que surta os efeitos legais, nos termos do novo Acordo Orto-  
gráfico Lusófono, vigente desde 01.01.2009.

Fortaleza (CE) 26 de MAIO de 2015.

  
Prof. Vianney Mesquita  
Reg. Profissional  
CE 00489/JP

Prof. João VIANNEY Campos de MESQUITA  
Académico Titular da Cadeira número 37 da ACLP  
Escritor e docente Adjunto IV da Universidade Federal do Ceará  
Reg. Prof. MTE00489JP